# COLONIAS

E

# POSSESSÕES PORTUGUEZAS

POR

JOÃO DE MENDONÇA

Socio do Instituto de Coimbra

LISBOA
TYPOGRAPHIA PROGRESSISTA DE P. A. BORGES
19—Rua do Arco, a Jesus—19

1877

# COLONIAS

E

# POSSESSÕES PORTUGUEZAS

POR

**JOÃO DE MENDONÇA**

SOCIO DO INSTITUTO DE COIMBRA

LISBOA
TYPOGRAPHIA PROGRESSISTA DE P. A. BORGES
19 — Rua do Arco, a Jesus — 19

1877

Ao seu bom amigo e illustre collega

# EDUARDO COELHO

como prova do mais fraterno e carinhoso affecto,
da maior veneração
pelas suas virtudes civicas e domesticas
e de admiração
pelo seu brilhante talento

OFF:

JOÃO DE MENDONÇA.

# PROLOGO

Compõe-se este livro de artigos que foram publicados soltos no *Diario de Noticias* e no *Jornal das Colonias,* obtendo a honra, alguns d'elles, de serem transcriptos no *Jornal de Horticultura Pratica, Correio Ultramarino, Campeão das Provincias,* e outros orgãos da imprensa colonial e do continente.

Eis a rasão por que não podem apresentar a unidade requerida n'uma obra escripta de um só jacto e que não fosse destinada a formar trechos independentes. Ainda assim pelo assumpto,— não pelo estylo — encontrará o leitor alguma utilidade e talvez recreio n'estes apontamentos sobre os usos, costumes, historia e producções dos vastos territorios que Portugal possue no ultramar.

# I

S. João Baptista de Ajudá—O reino de Dahomé—Despotismo sanguinario—O abbade Borghero—Burton, viajante celebre

O forte de S. João Baptista de Ajudá ou de Fidá está situado a uma legua do porto de Ardra, do reino de Dahomé, na costa dos Popós. Fica além de S. Jorge de Mina, do rio da Volta e do cabo de S. Paulo. A sua fundação é posterior de quarenta annos á epocha da restauração e deve-se á regencia de D. Pedro II.

A povoação de Gregué estende-se-lhe em volta e é habitada por alguns negros christãos. O Avogá, por mão de quem passa todo o trato dos brancos, reside tambem ali assim como alguns nobres dahomianos, os quaes se dão ao commercio. Nas proximidades ha serames ou feitorias pertencentes a colonos francezes, hollandezes e inglezes.

Pelos annos de 1844, o governador da provincia de S. Thomé e Principe, José Maria Marques, pesou-lhe como a bom portuguez, que aquelle forte estivesse abandonado e mandou um official para commandal-o e um presbytero para administral-o na parte espiritual.

O reino de Dahomé, em cujo territorio existe esta possessão, é uma d'essas regiões do continente africano aonde a dignidade humana é menos respeitada.

Feitiços obscenos, monstros alimentados com sangue humano, serpentes deificadas, idolos horrendos precipitados do solo da India e do Egypto pelos primeiros educadores da selvagem infancia da humanidade, encontram n'aquella região templos e adoradores. O rei de Dahomé é um despota feroz, que se inculca descendente d'aquellas horriveis devindades e affecta mostrar-se digno de tal origem.

N'aquelle desgraçado paiz, mais que em nenhum outro, os dogmas absurdos da obediencia passiva e do direito divino da realeza conservam-se na plenitude da sua força. É um só homem quem faz a lei, quem a commenta e applica, porque a vontade de um só é arbitrio incontestavel de todas as vontades. A um só, pertencem vidas, fazendas e até a honra d'aquelle povo.

A mais pequena ruga na fronte do despota, o menor aceno da sua mão, o som da sua voz, fazem estremecer os cortezãos mais temidos do vulgo, os vassallos mais altivos, os guerreiros mais bravos, os ministros mais intimos, os quaes só

de joelhos e de fronte no chão é que ousam apparecer ou aproximar-se do tyranno. Junto do throno, com o cepo ensanguentado aos pés e apoiando-se no machado, ostenta-se terrivel na sua impassibilidade sinistra o algoz, indicando pela sua presença aos vermes que se rojam ante aquelle outro verme, que devem estar promptos a sacrificar a vida se assim convier ao principe, ou a deixarem-se immolar no seu tumulo, porque o tyranno não se satisfaz sómente com o sangue que manda derramar a rojo durante a vida, precisa tambem, depois de morto, do sangue dos seus favoritos e favoritas. No acto da acclamação o soberano caminha sobre sangue humano desde o palacio até ao tumulo do seu antecessor. O cutello de Chalcas tem logar de honra ali — a cada anniversario funebre as sepulturas são regadas com sangue. — Ali revivem todas as monstruosidades sociaes do fanatismo monarchico e religioso da antiguidade.

Aquelle povo embrutecido pelo despotismo sacrifica ao Moloch real todos os laços de familia, todos os sentimentos affectuosos da alma.

Os filhos são arrancados aos paes e vão longe das vistas paternas receber uma educação que os torna passivos instrumentos do arbitrario, do capricho de um só homem. Não sómente os rapazes, mas ainda as raparigas são alistadas como soldados.

Aquellas infelizes apartadas da vida mais propria ao sexo a que pertencem, jogam as armas, fazem manobras e combatem com incrivel intre-

pidez. Depois de alguns annos de serviço na guarda feminina do rei de Dahomé, ou vão engrossar o numero de concubinas do despota ou são reservadas para mulheres dos funccionarios de estado. Algumas vezes o tyranno casa com os altos dignitarios do seu reino essas infelizes victimas da sua sensualidade. N'isto o imitam certos principes da Europa e de outras partes do mundo.

Quando algum grande da côrte de Dahomé póde dispôr da somma de vinte mil *cauris*, vae prostar-se á porta da habitação do rei ou do primeiro ministro e pede uma mulher em troca da sua offerenda. Se a supplica lhe é acolhida, deve acceitar cegamente a mulher que lhe destinam, seja bonita ou feia, joven ou idosa. Tristes allianças aquellas aonde o coração não é consultado.

As raparigas que seguem a vida marcial, quando são bellas servem de momentaneo prazer ao soberano ou aos seus cortesãos, que com mil baixesas obtêem o direito de opprimir os mais pequenos. A religião não é para aquelle desgraçado povo um meio poderoso de modificar a asperesa dos costumes, pelo contrario é tão feroz como o governo do estado. Assim os sacerdotes d'aquella religião de sangue, quando pretendem victimas humanas, dizem que os seus deuses têem fome; e o rei, cujo palacio, matadouro immenso, é um vasto recinto formado de cabanas agrupadas e fechadas por uma muralha, sobre que alvejam os craneos por entre as cabeças cortadas de fresco, quando quer declarar a guerra — diz aos seus generaes:

— Preciso cobrir o tecto da minha casa!

O que quer dizer que são necessarias cabeças humanas para ornar o tecto de arundos aonde se abriga a fera real.

As potencias europeas têem feito esforços, ainda que não tanto quanto deviam, para acabar ali com esses costumes que tanto maculam e rebaixam a dignidade humana. Ha talvez vinte annos conseguiu a França que o despota de Dahomey enviasse para Marselha alguns dos filhos para serem educados na civilisação europea. Mas embora o bafo civilisador da Europa tenha luctado de então para cá afim de acabar com aquellas barbaridades que em mais de um ponto das terras africanas insultam a Deus e ao progresso, o seu empenho não tem sido coroado de feliz resultado. Ainda ha pouco publicava um jornal inglez, julgo que o *News Illustrated London*, uma discripção circumstanciada de uma d'essas festas recentes aonde muitos centos de escravos acocorados e mettidos em cestos, mas com a cabeça e os braços de fóra são lançados á multidão que n'um phrenesim incrivel os faz pedaços. É pois bem pouco o que se tem obtido a favor da humanidade n'aquellas paragens, aonde reina a mais crassa ignorancia a par do fanatismo mais atroz.

O abbade Borghero visitou ha sete annos, como missionario o reino de Dahomé e poude colher interessantes noticias sobre os costumes, producções e topographia d'aquella vasta região. Segundo o distincto viajante a guarda de honra do rei é composta de 2:500 amazonas e não de 12:000 como affirmára Julio Gerard, o celebre caçador

de leões. Aquellas intrepidas guerreiras são encarregadas especialmente de cortarem cabeças nas fileiras inimigas. As razzias e a guerra têem por tal modo emprobecido os logares circumvisinhos, que o deserto estende-se em volta de Dahomé.

Em 1863 Burton, o viajante celebre que percorreu Mecka disfarçado em peregrino, que visitou os lagos equatoriaes de Africa e o paiz dos *mormões* na America, e que subiu os montes Camarões em Guiné, foi enviado pelo governo britannico em missão diplomatica junto de Gélélé, rei de Dahomé. O filho do terrivel rei Guezo recebeu honrosamente o viajante inglez. Uma fileira de regias esposas cercava o soberano e nenhuma d'ellas o perdia de vista.

O poderoso Gélélé, segundo o viajante inglez é de um ridiculo pasmoso. Se sua magestade *espirra*, os assistentes por um movimento unanime deixam se cair de joelhos e beijam o solo. Se sua magestade pede de beber, parte uma benção de todos os lados. Experimenta a necessidade de cuspir? Apresentam-lhe immediatamente um vaso com toda a devoção. Infelizmente, força é confessal-o, ha soberanos na Europa que levam a palma em certamen de ridiculos ao despota de Dahomé. O *rei Bobêche*, que tocado pela varinha magica de Offenbach, tanto tem divertido as platéas do mundo e até as de Lisboa, é copia de muitos altos e poderosos senhores. Seria erro dizer-se que é uma ficção.

O objecto da missão de Burton era acabar, se possivel fosse, com o trafico da escravatura e com

as sanguinarias festas de Dahomé. Durante a leitura da mensagem o rei esteve com toda a attenção, respondendo a final que: — os inglezes eram seus amigos, que a venda dos escravos era, em Africa, um uso tradicional estabelecido pelos proprios brancos... Que os costumes do seu paiz o obrigavam a fazer a guerra todos os annos e que se não vendia os captivos precisava matal-os. As objeções e violencias de Burton foram infructuosas, e, diga-se a verdade, n'aquella imputação aos brancos ha e havia muita verdade.

De volta á Europa, Burton escreveu a relação da sua viagem, a qual tem por titulo *A mission to Gelele, king of Dahomé*. Essa obra fornece aos geographos grande colheita de pormenores carateristicos e documentos preciosos.

## II

Quiteve—Abundancia de minas de cobre, ouro e ferro — Modo de extrair o ouro — Proveito em colonisar Quiteve e outras possessões portuguezas — O padre João dos Santos — Expedição de Francisco Barreto — Guerra com Quiteve — Muita conquista e pouca civilisação — Eleição e coroação do regulo — Bindo — Sacrificio cruel

**É tradicção entre os cafres que o filho de um antigo imperador do Monomotapa e de uma escrava, despresado dos seus, deixára a casa paterna e fora-se fundar um reino ao qual poz o nome de Chingamira que era o seu, e que depois da morte do pae auxiliara dois de seus irmãos a estabelecerem os reinos de *Quiteve* e *Quissanga*.**

**Quiteve confina ao norte com o reino de Chicanga, ao sul com o de Madanda, ao leste com Macaia e rios de Sena e Sofála e ao oeste com o**

reino de Quissanga. Tem de norte a sul cerca de cento e vinte leguas e doze de leste a oeste.

É pois, uma estreita tira de terra, mas abundantissima de ouro, cobre e ferro e especialmente do primeiro d'estes metaes que os cafres apanham, fazendo grandes covas ou minas, ou procurando-o nas areias dos rios. Para isto cavam a terra ao longo dos ribeiros, em volta das lagoas e lavam-n'a em gamellas até que se desfaça em polme, ficando no fundo o ouro, d'onde o tiram e recolhem. Quando chove não deixam de inspeccionar as rigueiras por onde corre a agua e nas quaes apparecem pipetas e grãos de ouro que as correntes deixam a descoberto.

Não seria melhor organisar companhias que empregassem grande numero de braços, interressando-os nos proventos, e ir explorar estas terras que tão legitimamente pertencem a Portugal e desenvolver ali o trabalho e a prosperidade, que deixal-as perder pela incuria e promover assim indirectamente a emigração para o Brasil? Organisar colonias para a Africa é dilatar o dominio portuguez e contribuir para uma grande obra de civilisação, aproveitando regiões riquissimas tão insensatamente desprezadas.

Em tempos remotos a fama das riquezas d'estes logares era hyperbolica. O padre *João dos Santos*, auctor da *Ethiopia Oriental*, falando d'esta abundancia de ouro não se exime a confessar a crença *alchimista* de de que os raios do sol tinham a propriedade de converter a terra em ouro: —«Andando eu n'estas terras, diz elle, me

affirmaram alguns homens que tinham experiencia d'ellas, que era causa mui averiguada fazer o sol n'ellas tanta impressão, com as influencias de seus raios, que além de as apurar e converter em ouro, fazia brotar o mesmo com tanta força como se fôra planta que quer nascer e particularmente n'aquelles logares onde se cria na superficie da terra.»

Era bem credulo o bom do padre. Ainda assim seguia as doutrinas *da alta sciencia da epocha.* Devia ser feliz. A duvida não se lhe apossara do espirito. Era um crente e um narrador interessante e esclarecido dos feitos portuguezes na Africa oriental. Os criticos zombeteiros, que tiram a auctoridade não do que pensam, mas do que vestem, esses que devem mais á thesoura do alfaiate que á estante aonde nunca buscaram um livro, valem muito menos que aquelle frade.

No Quiteve o logar mais copioso em minas de ouro é Bandirre que dista de Sofala trinta leguas aproximadamente. Foi doado a Portugal em 1580 para que os portuguezes ali se estabelecessem e construissem feitorias. Os indigenas chamam-lhe *Mucaro do muzango* o que quer dizer: — a terra do homem branco. Alem de metaes uteis e preciosos abunda Quiteve em marfim, exceptuando o alto Quiteve aonde a aridez do terreno torna impossiveis os pastos e por conseguinte a existencia de elephantes. Preferem estes animaes, como é sabido, as planicies adustas, as florestas densas e quasi impenetraveis, as margens dos rios e os sitios humidos e não podem dispensar a abundancia

da agua. Muitas vezes a tomam na tromba e a espargem sobre o lombo, o que junto ao costume de entrarem nos rios, lhes impede que a pelle grete e fenda.

D. Sebastião, annos depois de subir ao throno, mandou a Sofala Francisco Barreto — governador e capitão general, que já em tempo governára a India e era general das galés do reino.

Em fins de abril de 1569 partiu de Lisboa com tres naus, mil homens de armas e muitos d'elles fidalgos alistados voluntariamente porque se tratava de conquista de minas de ouro e o proprio Barreto grangeára o titulo de *conquistador das minas de Monomotapa*. Na expedição iam tambem cem africanos.

A frota não chegou completa a Moçambique porque um temporal fez desgarrar a nau capitania de Francisco Barreto, das que commandavam Vasco Fernandes Homem e Lourenço Carvalho. Aquella invernou na Bahia de todos os Santos e seguiu depois para Moçambique aonde chegou a salvamento. Uma das naus, a de Lourenço Carvalho voltou a Portugal.

Os portuguezes tendo de atravessar todo o Quiteve foram obrigados a sustentar dura guerra com o regulo d'aquelle reino. Mas o seu esforço venceu a resistencia. Caminhando por terra ou navegando pelo rio de Sofala acima, foram sempre rompendo por entre os obstaculos que os cafres lhes oppunham e destroçando as gentes que o Quiteve lhes enviava a combatel-os e padecendo grandes fomes pela falta de mantimentos que os

inimigos escondiam e tiravam das terras por onde elles passavam, chegaram ao Zumbaohe aonde estava o regulo o qual fugiu com suas mulheres e grande parte da sua gente para umas serras proximas. Os portuguezes que a este tempo, segundo affirmam alguns chronistas, eram ali capitaneados por Vasco Fernandes, entregaram a cidade ás chammas e continuaram o caminho para o reino de Manica aonde chegaram depois de dois dias de marcha. Ali lhes enviou embaixador o Chicanga, mandando-lhes um presente de vaccas e outros mantimentos.

«Tanto que os portuguezes se viram na terra do ouro, diz fr. João dos Santos, cuidaram logo que podessem encher saccas d'elle e trazer quanto quizessem; mas depois que estiveram alguns dias em cima das minas e viram a grande difficuldade e trabalho que os cafres tinham e o grande risco e perigo de suas vidas a que se expunham para o tirar das entranhas da terra e das pedras, ficaram frustrados de seus pensamentos.»

Effectivamente, sem machinas e sem meios que lhes facilitassem a mineração, resolveu o governador a retirada. É para notar que os nossos maiores foram sempre mais dados a batalhar que ao trabalho, prova-se esta asserção com os grandes dominios que avassalaram e a infinidade de terrenos que deixaram aridos e incultos.

De volta por Quiteve o governador concertou com o regulo que os portuguezes atravessariam livremente as suas terras levando mercadorias a Chicanga e d'ali poderiam trazer ouro; e visto o

pouco proveito que o Quiteve tiraria d'isso, ficaria d'ali em diante obrigado o capitão de Sofála a dar-lhe 300 pannos de tributo por anno.

Vê-se bem qual era a decantada civilisação que os portuguezes introduziram na Africa e em outras regiões!... E dizer-se que levavam em uma das mãos a espada e na outra a cruz! Conquistar era o seu modo de civilisar e com o flagello da conquista levavam ainda os terriveis flagellos do incendio, do morticinio e do roubo. Não escreve extensamente a este respeito fr. João dos Santos, narrando as atrocidades commettidas no Zumbahoé, mas são faceis de imaginar por aquellas de que está cheia a historia das conquistas ainda dos povos que primam por mais civilisados.

Os habitantes de Quiteve são cafres landins, os mais esbeltos e os mais limpos e aguerridos de toda a cafraria. Ha n'elles crença da vida de além da campa. Persuadem-se que aquelles que morrem sabem perfeitamente o que fazem os que lhe sobrevivem e que se irritam ou satisfazem com os seus actos. Se bem me lembro um d'esses cafres recusou vender uma canoa ao dr. Livingstone dizendo que ella pertencia ao espirito de seu pae que o auxiliava na caça ao hippopotamo.

O reino de Quiteve era, e julgo que ainda hoje é, eléctivo. Na falta do rei governavam as rainhas, que consultavam os grandes e as damas do conselho e elegiam o novo rei. Este era escolhido entre os principes parentes do finado monarcha. Perderia todo o direito, se depois da sua eleição não entrasse logo de posse do reino, ficando por

conseguinte tambem privados d'este direito os seus descendentes.

São duas as rainhas e, posto que só uma gose d'esse titulo, têem ambas as mesmas prerogativas. Possue cada uma a sua corte e o seu ministro.

A coroação do rei era attributo das damas do conselho. O regulo, depois de coroado, chegava ás fronteiras de Sofála e d'ali mandava um *matire* com seu filho primogenito avisar o governador portuguez da sua eleição e coroação, offertando o *bindo* ou tributo.

Consistia este em uma collecção de pequenas porções do que produzem as terras do Quiteve. O representante de Portugal correspondia com um presente de pannos de algodão.

Os antigos regulos costumavam n'aquelle acto apunhalar o mordomo-mór do palacio ou Taté, logo que jurava fidelidade ao soberano. O sangue da victima devia servir para untar os tambores e instrumentos da musica real. Este barbaro costume fazia horror aos proprios regulos que por vezes pediram auxilio dos portuguezes para acabarem com elle. Mas ainda que para isso offerecessem vastos territorios a Portugal, os governos cujo desleixo é caracteristico em coisa de colonias, nunca se prestaram, até que um regulo, nos fins do seculo passado, teve força sufficiente para substituir a victima humana por um boi preto. A verdade é que só n'estes ultimos annos é que Portugal tem feito alguma coisa pelas suas colonias e ainda lhe resta muito a fazer se quizer aproveitar as riquezas immensas que aquelles territorios lhe offerecem.

# III

O Zambese — Cataratas — Aventura singular do intrepido caçador Baldwino — Os Makololos — Usos e costumes — As mulheres — O matakuane e a manteiga

O Zambeze, que é sem duvida um dos rios mais notaveis da Africa oriental, atravessa o Monomotapa, banha Zumbo, as planicies de Chicova, Tette, corta as montanhas de Lupata, passa junto de Senna e vae lançar-se no canal de Moçambique, por sete braços, o mais septentrional dos quaes é Cuama, que desemboca perto de Quelimane. A sua largura é variadissima. Assim em Lupata, embora profundissimo, tem apenas duzentas a trezentas jardas de largura. Abaixo de Zumbo ha um sitio em que os que navegam no rio são obrigados a descarregar as canoas e a arrastal-as por cima das rochas, por causa da violencia da corrente.

Similhante ao Nilo fertilisa os campos por meio de inundações. Estas são de novembro a julho. Passada esta época o rio diminue consideravelmente, mas, segundo o testimunho de Livingstone nunca chega a ser vadeavel.

É durante estas cheias que os climas de Senna e de Quelimane augmentam na insalubridade, em consequencia das materias que o rio arrasta na sua corrente.

O Zambese tem areias auriferas. Livingstone observou algumas em que o ouro se manifestava em particulas tenuissimas e differente do ouro de Mashinga, o qual é mais grosso que o de Abutua e o de Manica que se apresenta do tamanho de grãos de trigo.

Ha tambem nas suas margens minas de carvão de pedra: Chicova tão celebre outr'ora pelas minas de prata, tem-nas em abundancia. O mineral de ferro é tão excellente que depois de fundido assimilha-se tanto na côr como na dureza ao melhor ferro da Suecia.

O dr. Kirk divide o anno nas margens do Zambese em tres partes: estação fria, estação quente e estação chuvosa. Tres mezes de inverno, maio, junho e julho; tres mezes de verão, agosto, setembro e outubro — e o resto do anno para a estação das chuvas. Ordinariamente e excepto nas cheias, a agua do Zambese é muito pura.

As cataratas Victoria, do Zambese foram descobertas pelo dr. Livingstone em 1856; diga-se porém em verdade que é impossivel que os portuguezes que ha tantos annos manteem relações de

trafico com os indigenas das margens d'aquelle rio, não tivessem conhecimento d'ellas ainda que confuso, em epoca anterior á do celebre viajante.

O nome makololo d'estas espantosas quedas d'agua é *mosioa-tunya* — que significa *fumo retumbante*. Os indigenas dão-lhe esta denominação por causa do estrondo que as aguas fazem, precipitando-se de grande altura n'um profundo abysmo e pelas columnas de agua que d'ali se elevam em fórma de vapor. O dr. Livingstone que tornou áquelles logares em 1860, diz que as *mosi-oa-tunya* são formadas por corte transversal do basalto de que é constituido o alveo do rio. As *mosi-oa-tunya* enchem de admiração os povos que habitam n'aquella vastissima região.

Carlos Livingstone que teve occasião de observar as celebres cataratas do Niagara, diz que as do Zambese são muito mais imponentes.

Depois do celebre viajante inglez o europeu que primeiro visitou a famosa queda do Zambese foi o celebre e intrepido caçador Baldwino.

Este homem corajoso depois de uma aventurosa mas feliz caçada até Maselikate, deixou os seus carros de viagem por causa da mosca *tsé-tsé* e como a sua gente recusasse acompanhal-o poz-se a caminho, só, armado da sua espingarda e levando uma bussula, um mappa e a descripção do dr. Livingstone como unicos guias. Soffrendo a falta de agua e arrostando muitos perigos, acertou alfim com o rio tres milhas acima das celebres cataractas. Passou dois dias na margem antes que encontrasse cafres que o quizessem passar do ou-

tro ladó. Arrependia-se já da temeridade que o levára a emprehender uma excursão tão arriscada sem guia e sem mantimentos, quando matou um rhinoceronte; e tendo pouco depois passado uma canoa, Baldwino presenteou os cafres com alguma carne e offereceu ao chefe a parte mais principal da presa que fizera. Esta homenagem produzio optimo effeito. O chefe mandou-lhe no dia seguinte uma canoa tripulada por alguns makololos que o levaram á margem opposta.

Mas o sol estava abrasador e a presença da agua excitou Baldwino que deu um salto, mergulhou e surgio sem accidente.

Os cafres, porém, agarraram-no e retiveram-no preso debaixo da maior vigilancia até que o dr. Livingstone o poz em liberdade.

Então explicou se o extranho proceder d'aquelles indigenas.

O rio estava inçado de jacarés, circumstancia que o intrepido caçador ignorava e os cafres tinham comprehendido aquelle acto como o de um homem que pertende suicidar-se e receiavam que buscasse a morte por outros meios e elles fossem accusados de o haverem morto.

Disseram os mckololos a Livingstone que o ponto onde Baldwino tinha mergulhado era tão perigoso que até seria arriscadissimo metter as mãos n'agua. Effectivamente alguns sitios tanto do Zambeze como dos seus confluentes, abundam espantosamente em crocodilos. N'alguns logares é costume fazer-se uma estacada para garantir as mulheres que vão buscar agua. Ainda assim e

embora muitas outras cautellas os accidentes desagradaveis são frequentes.

Os makololos constituem uma das raças mais notaveis da Africa.

As mulheres dos makololos são intelligentes, têem a physionomia agradavel e a pelle pardaclara. Cobrem o corpo de enfeites e usam de uma pequena saia e de capa.

As mais ricas — as grandes senhoras — trazem dezaseis ou dezoito anneis de bronze da grossura de um dedo em cada perna e tres anneis de cobre por baixo do joelho, dezenove braceletes no braço esquerdo, oito no direito e contornando os cotovellos dois largos anneis de marfim. Um collar e um cinto de perolas completam-lhes o atavio.

As makololas, não obstante a côr, têem o nariz, a boca, os olhos, os dentes e a estatura de bellesa não vulgar. Accrescente-se a isto uns pés pequenissimos assim como as mãos que são delicadas, bem feitas e macias.

Servidas por mulheres que se encarregam do serviço caseiro — as *damas* — passam muitas horas de aborrecimento por não terem em que occupar o espirito, faltando-lhes o recurso do crochet, da leitura e do piano que as da Europa possuem.

As más linguas do paiz dizem que passam as horas de ocio, que são muitas, a beberem cerveja e a fumar o *matakuane*.

Os homens fazem geralmente grande uso d'aquella planta, e bebem em abundancia, mas não gostam que as mulheres lhes sigam o exemplo e muitos lh'o prohibem. Todavia a prohibição mais

lhes incita o apetite e ellas fumam essa herva ás occultas.

O Matakuane, além de embrutecer as faculdades, produz uma erupção de pelle.

Os fumadores de matakuane offerecem por vezes quadros excessivamente grutescos. Munem-se de uma cabaça cheia de agoa, de um pedaço de bambu e de um narghilé com reservatorio para a agoa que o fumo atravessa antes de chegar á boca. Cada fumista aspira algumas fumaças, demorando-se mais na ultima e passa depois o cachimbo ao seu visinho. Engole o fumo e esforça-se em lutar com os movimentos convulsivos do peito e do estomago, conservando um golo de agua na boca e lançando-o depois no pedaço de bambú juntamente com o fumo. Em resultado d'isto declara-se um violento ataque de tosse e n'alguns uma especie de dilirio, o qual se manifesta n'uma alluvião de palavras sem nexo. Os seus companheiros continuam a fumar sem prestar attenção ao improvisado oraculo. Passada a embriaguez, o fumador do matakuane sente por algum tempo certo entorpecimento nas faculdades intellectuaes e como um peso ou congestão na cabeça.

A polygamia é commum entre os makololos, e, o que mais deve admirar, é approvada pelas mulheres que não podem comprehender a monogamia dos europeus. Dizem ellas que um homem de alta posição deve ter muitas mulheres como prova dos seus cabedaes. Estas idéas são geraes em toda a região banhada pelo Zambeze.

O marido dá ao pae da mulher um certo nu-

mero de vaccas, não como compra da esposa, mas em resgate do direito que os paes têem sobre os filhos, porque o marido gosa de completa auctoridade sobre a mulher, ainda quando não tenha feito ao sogro a offerta do costume. N'esse caso porém as filhas pertencem ao avô. Por morte da mulher, o marido dá um boi para que a familia renuncie de todo aos seus direitos sobre a defunta.

São extremamente singulares as idéas que aquelle povo tem a respeito da manteiga. Usam-n'a, e com especialidade as mulheres, para friccionar o corpo, para tornar a pelle mais macia e afastar os parasitas. Acham porém impropio e até indecente comel-a crua.

A gordura demasiada, a propria obesidade na mulher é o *bello ideal* da maior parte das tribus do continente africano. Os makololos fazem excepção. Acham belleza na sufficiente robustez da mulher.

Antigamente os makololos cobriam se de uma pelle de cordeiro, ou de qualquer outro pequeno quadrupede, presa na cintura e caindo-lhes sobre os rins. Só n'isto consistia o seu vestuario, além de uma capa-Kaross para o frio. Hoje, porém, usam veste de pelle de macaco e de uma especie de saia ou tanga.

As tribus makololas que habitam á beira dos rios e dos lagos são em extremo asseiadas, porque se banham muitas vezes por dia. O bello sexo, porém, evita os banhos por causa da manteiga com que unta o corpo. As makololas n'esta falta

de limpeza lembram algumas das habitantes de certa cidade á qual o sr. Alexandre Herculano chamou *rainha do occeano,* as quaes nem ainda na estação balnearia deixam que a agua esteja em contacto com os seus corpos bellos mas pouco limpos.

As mulheres são os architectos n'aquellas regiões.

Na construcção das casas procede-se do seguinte modo:—collocam-se estacas circularmente, entrelaçando-as por meio de canas e revistindo tudo de espesso reboco. No solo lança-se nma camada de alvenaria amassada com bosta de vacca a fim de impedir que os insectos, e alguns ha extremamente venenosos se acoitem nos intersticios. Emquanto ao tecto, que é feito á parte e que se colloca com a assistencia dos visinhos, sobrepassa sempre o edificio, assim como a palissada de arundos ou canas que circundam a casa. A porta do edificio interior é pouce commoda. Imagine-se uma fenda de dezenove pollegadas de altura, vinte e duas na base e doze na parte superior. Pela falta de outra abertura, o recinto interior é privado de luz e de ventilação, condições hygienicas que tambem faltam em habitações de cidades que se dizem civilisadas.

# IV

A Zambesia — Ilhas e confluentes do Zambese — Feiras, bares e luanes — Fertilidade — Modo de semear primitivo — Fernando da Costa Leal e Karl Mauch — A mosca tsé-tsé — Os crocodilos e os hippopotamos

A Zambesia ou *Zambesina,* como lhe chamou Perestrello no seu *Diccionario geographico de Portugal e seus dominios,* comprehende o antigo governo de Rios de Sena. É aquella porção do valle do Zambese que se extende entre as boccas d'aquelle rio até acima do antigo presidio de Zumbo.

O nome de Zambese veiu-lhe de uma povoação de cafres, assim chamada, no reino de Chicova, acima das cataractas de Chicoronga.

Na sua corrente o Zambese forma varias ilhas, sendo a maior a de Chingoma. Luabo e Inha-

goma são tambem nomeadas postoque esta ultima constitua um pedaço de terreno raso e alagadiço.

Os principaes confluentes do Zambese no territorio portuguez são: Revugo, Aruanha, Chiri e Aruangoa.

O Revugo nasce nas serras maraves e conflue meia legua abaixo de Tete.

O Aroanha passa pelos terrenos do Monomotapa e entra no grande rio da parte do sul entre Tete e a bocca de Lupata, proximo de Massangano.

O Chiri banha as terras dos maraves e reune-se ao Zambese entre Sena e Quelimane.

O Aruangoa a que Livingstone chama *Loangua* e Ritter na sua *Geographia geral* comparada denomina *Luanguo*, entra pela margem norte quasi defronte de Zumbo.

Os portuguezes tinham outr'ora estabelecido no interior do paiz mercados, onde permaneciam alguns homens afoitos, que serviam de corretores aos traficantes que de Sena e Tete iam áquellas longiquas regiões, para permutar por oiro fazendas agradaveis aos cafres.

A estes mercados, hoje quasi extinctos, se chamava *feiras*. De Luanze, Bocuto, Chipiriviri, Dambarare e Ongoe tão celebres e n'algumas das quaes tinham os frades de S. Domingos egrejas e hospicios, nem restam vestigios. As duas ultimas foram destruidas em 1693 fazendo os cafres atroz morticinio nos portuguezes de Dambarare.

Na feira de *Massapa* havia um capitão portuguez chamado *capitão mór das portas*, porque,

diz Diogo de Couto nas *Decadas* que continuou de João de Barros, se não póde entrar no Monomotapa sem por ali passar. De *Zumbo* e *Manica* tambem tão afamadas, restam apenas ruinas. Em 1827 tentou-se formar um mercado em Marambo, que os portuguezes pouco depois abandonaram.

Ainda existem alguns *bares* ou terrenos em que alguns portuguezes mandavam minerar o oiro. As habitações d'estes exploradores chamavam-se *luanes*.

Nas margens do Zambese, das quaes a do sul denominada *Mutanga* nos pertence e a do norte *Bororo* é occupada por regulos independentes, a agricultura existe em toda a sua simplicidade. Não têem, os povos d'aquellas regiões, nenhum desvello pela semente do vegetal cuja reproducção lhes é necessaria. Deixam-n'a á mercê do selo cuja fertilidade é espantosa.

Logo que as enchentes do rio diminuem e o terreno começa a descobrir-se fazem covas de pouca profundidade e ahi lançam alguns grãos de trigo, cobrindo-os de terra. Além d'este cereal tambem costumam semear milho grosso que ali é tão bom como o do Cabo e milho meudo, feijão, aboboras, arroz, etc. Fernando da Costa Leal que acompanhou o celebre viajante allemão Karl Mauch n'uma excursão do Transwaal a Lourenço Marques, e que a este respeito publicou um curioso relatorio, attribue á mosca *tsé-tsé*, verdadeiro flagello das margens do Zambeze, a repugnancia dos habitantes d'aquellas regiões pela criação de gados.

O meu illustrado collega e amigo collige das suas

observações que a mordedura do nocivo insecto é só mortal para certas especies de animaes e no homem certificou-se que produz apenas uma ligeira inflammação que passa pela immersão da parte affectada em agoa fria. A ammonia que é poderoso neutralisador do veneno inoculado pela picada de insectos peçonhentos e de reptis venenosos, não tem effeito sensivel sobre o *virus* da *tsé-tsé*. Fernando Leal vio administrar a ammonia por Karl Mauch a um boi mordido por aquelle insecto, sem resultado favoravel.

As margens do Zambeze assim como as do Nilo são abundantissimas de crocodilos e hippopatamos. A *Ibis*, o *Charadrius caruncola*, o *pluvianus armatus* são tambem communs n'aquellas regiões. Livingstone encontrou nos sitios pantanosos do Zambese a *azolla nilotica*, planta que habita tambem as agoas estagnantes do Nilo.

Os crocodilos pertencem aos *saureos* e formam uma das seis familias d'aquella ordem. As especies mais notaveis d'estes reptis, são o crocodilo do Nilo — *lacerta crocodilus*, o caimão ou jacaré do Brasil — *lacerta alligator* e o da India *lacerta gangetica* — todas caracterisadas pela sua grande corpulencia e voracidade. A especie que habita o Zambeze deve ser uma variedade do crocodilo do Nilo. Têem o corpo coberto de escamas durissimas e alongadas, quatro pernas curtas e extremidades espalmadas, a cauda quasi tão grossa na base como o corpo e algumas vezes armada de uma crista. As maxillas e ainda a parte superior da bocca, isto é, a abobada palatina, são armadas de

agudos dentes, conicos e só proprios a prender e dilacerar a presa. As maiores especies attingem além de oito metros. As vertebras do pescoço não gosam da mobilidade necessaria para moverem a cabeça para os lados, pelo que elles perseguem em linha recta e perdem de vista a presa se esta lhes furta as voltas. Graças aos seus pulmões, que muito alongados e vesiculosos se estendem até ao abdomen, conservam-se sem respirar por muito tempo debaixo d'agua. D'ali espreitam o animal incauto que se chega das margens e saltando-lhe de chofre, atravessam-no com os seus longos dentes e arrastam-no algumas vezes ainda vivo ao fundo das aguas, e ali o suffocam e trituram nas suas fauces sem beiços.

Como todos os saureos, são oviparos e enterram os ovos na areia. O sol pelo calor lhes desenvolve o germen. A femea não desampara os ovos e vigia os pequenos crocodilos que logo, ao sahir da casca, se precipitam para a agoa.

Enxameam tanto nos rios tropicaes, estes vorazes reptis que atacam as canoas. Attiram se-lhe ás bordas e com as fortissimas unhas de que são armadas especialmente as extremidades dos membros anteriores, forcejam por voltal-as tentando erguerse e por-se ao alcance dos individuos que buscam entalar nas suas formidaveis e potentes mandibulas. Os naturaes, quer do Amazonas, do Nilo, do Zambese ou do Ganges cortam a golpes de machado as garras dos monstruosos aggressores.

O grito do corcodilo é lamuriante e plangente, é uma especie de silvo que o gosto das analogias

maravilhosas comparou aos soluços do pranto, e á voz queixosa e affogada pelas lagrimas. D'ahi a fabula e paremia que todos conhecem.

Como todas as especies do antigo genero *lacerta* os crocordilos entorpecem-se no inverno. Isto é commum pelo menos á especie que habita o Nilo.

Affirmam alguns escriptores desde Herodoto de Halicarnasso até St. John e Geoffroy St. Hilaire que o *pluvianes armatus* de Burchell, ou setulatsipi isto é *martello de ferro* se encarrega, de limpar os dentes dos crocodilos durante a somnolencia que ataca aquelles animaes depois d'um bom repasto, somno que póde bem ser comparado ao beatifico repouso de algum ministro que devorou grande parte do orçamento e deixa a outros o cuidado de limparem as migalhas para que desappareçam as provas do delicto, na mais sacrosanta de todas as visceras — o estomago. O *pluvianus* tem um esporão agudissimo e a sua voz metallica justifica-lhe bem o nome de *martello de ferro*.

O Hippopotamo ou cavallo dos rios — *hippopotamus amphibius* de Linneu — é actualmente rarissimo em o Nilo. Encontra-se, porem, em abundancia no Zambese. Parece que o limite geographico-zoologico deste pachyderme na Africa é desde a Ethiopia ao Cabo da Boa Esperança, Têem estes animaes no seu maior desenvolvimento quatro a cinco metros desde o focinho até á origem da cauda. São obesos, e de um peso consideravel, têem as pernas pouco extensas e são privados de pellos a não ser na cauda e no focinho. A altura total é de cerca de dois metros nos maiores. Os

dentes, mais duros e mais brancos que o marfim, attingem o peso de cerca de mil e quinhentas grammas.

Conserva-se ordinariamente nas agoas dos rios d'onde sae á noite a pastar herva nas margens e alonga-se ás vezes aos campos cultivados. De ali o afugentam os negros com grande motim e algazarra. Retira-se por entre os caniçados dos panes, quando quer dormir. Os cafres atacam-no geralmente fóra d'agoa pois que sabem quanto elle é timido em terra. Ferido na agoa, enfurece-se e precipita-se sobre a embarcação de que arranca pedaços com os dentes. Ali desenvolve grande energia e os proprios crocodilos lhe fogem.

A femea depõe o filho entre densas e emaranhadas hervas e acostuma-o a entrar n'agoa, sustendo-o sobre o lombo. Andam juntos macho e femea, e os machos atacam-se quando se encontram em terra. Os cafres servem-se da pelle para broqueis á prova de azagaias e de bala ordinaria A carne é muito do gosto dos cafres que saboreiam tambem o toucinho, e os pés do animal assados são um primor culinario que muito apreciam.

A caça ao hyppopotamo é importantissima no Zambese, e os dentes são mercadoria muito procurada dos mercados da Europa.

## V

Aonde começam as possessões portuguezas na Africa Oriental — *Historia-tragico-maritima.* Opinião do sr. Pinheiro Chagas e de Francisco Bordalo.—Naufragio da nau *Sant'Alberto*—Nuno Velho Pereira—Itinerario do Penedo das Fontes até Lourenço Marques—Tragico fim de D. Isabel de Mello e sua filha no incendio da nau *Chagas* — Barbaridade ingleza

Passada a *Terra dos Fumos,* começa da *Bahia de Lourenço Marques* o limite das possessões portuguezas na Africa oriental.

Aquella bahia, tão celebre pelo pleito que Portugal venceu contra a Inglaterra, graças ao finado visconde de Paiva Manso, cuja morte foi uma irreparavel perda para a advocacia portugueza, chegaram em 1593 os naufragos da nau *Sant'Alberto,* depois de terem percorrido a pé todo o espaço que medeia entre o *Penedo das Fontes,* prin-

cipio da *Terra do Natal,* e aquelle sitio d'onde se embarcaram para Moçambique. Este naufragio é interessantissimo e são-n'o tambem outras narrações identicas e itinerarios colligidos por Bernardo Gomes de Brito na *Historia tragico-maritima.*

Para o interessante livro *Dramas do Mar* respigou d'aquella collecção o sr. Pinheiro Chagas, as relações dos naufragios das naus *Conceição, Santa Maria da Barca* e *S. Thiago,* resumindo e dispondo no seu bello estylo aquelles quadros de horrores maritimos, aquellas tremendas luctas do homem com o oceano. Referindo-se ao trabalho de Bernardo Gomes de Brito, diz auctorisadamente o distincto escriptor:

—«A *Historia tragico-maritima* não aspira a occupar um logar na lista dos classicos da litteratura, dos livros elegantes cujos autores sabem polir a linguagem, cinzelar os periodos e alindar o estylo. Comtudo n'essas paginas rudes ha muitas vezes mais poesia e inspiração mais verdadeira que nos mais gabados livros dos mais apreciados escriptores. E' porque essa obra não tem a formosura classica; mas tem o inexcidivel encanto da verdade.»—

Francisco Maria Bordalo nos *Ensaios sobre a estatistica das possessões portuguezas no Ultramar,* diz: O leitor que desejar ter conhecimento detalhado d'aquellas plagas — referindo-se ás regiões de que se trata — aprasiveis aqui, inhospi-

tas acolá, mortiferas mais adiante, e quizer estúdar os usos e costumes dos seus habitantes, póde recorrer á *Memoria estatistica sobre a Africa oriental*, por Sebastião Xavier Botelho, ou consultar as relações dos naufragios do galeão grande *S. João*, e das naus *Sant'Alberto, S. Thomé, S. Bento* e outros cujas tripulações e passageiros percorreram boa parte das praias e sertão das terras do Natal e dos Fumos, deixando enterrados nas suas areias os illustres capitães Manoel de Sousa Sepulveda, D. Paulo de Lima e Fernão Alvares Cabral.»

Não resisto pois á tentação de extractar aqui a relação do naufragio da nau *Sant'Alberto*, descripta pelo piloto, testemunha da catastrophe, posta em linguagem e emendada pelo cosmographo mór Lavanha. Ajuntar-lhe-hei tambem a selecção das aventuras mais notaveis e scenas extraordinarias de que os naufragos foram agentes ou pacientes durante os quatro mezes da sua trabalhosa perigrinação.

A nau *Sant'Alberto* fizera-se de vela de Cochim no primeiro de janeiro de 1593. Tinha por piloto a Rodrigo Migueis e por mestre a João Martins. N'ella vinha para o continente D. Izabel Pereira, viuva de Diogo de Mello Coutinho capitão de Ceylão, e sua filha D. Luiza onde deseseis primaveras apresentavam todo o viço e formusura d'uma graciosa beldade.

Vinham tambem outros passageiros em que se contavam Nuno Velho Pereira, capitão de Sofála; João de Veladares de Soto Mayor etc. Tendo agua

aberta caminhou até vista da Costa do Natal, á qual houve a 21 de março, sem que a bomba désse excessivo trabalho. Todavia começaram a mostrar-se mais rombos e forçoso foi alijar carga. Lançou-se ao mar tudo quanto estava no convez e crescendo o perigo, o que estáva na tolda dos bombardeiros e nos payoes das drogas. A agua, porém, e não obstante as bombas serem ajudadas de baldes e barris, crescia a olhos vistos de modo que da segunda coberta se não poderam tirar os caixotes e foi preciso quebral-os a machado para lançar fóra o fato que continham. Dois dias trabalharam as bombas até que em a noite do segundo se entupiram com a pimenta da carregação com o que desanimaram muitos.

Nuno Velho Pereira vendo que a nau se perdia irremediavelmente, se o desanimo continuasse, quiz dár exemplo de energia. Desceu ao porão pendurando-se pelas cordas das bombas, com grande risco, e começou a encher barris o que os fidalgos e soldados imitaram não largando d'aquelle trabalho em toda a noite.

Em a manhã seguinte avistou-se terra, como promettera na vespera o piloto. Produzio grande alvoroço, porque se julgaram salvos.

Attendeu-se então em alijar tudo o que havia no castello, debaixo da ponte e na praça, com que alliviada a embarcação se deram ás velas da gavea grande e á *cevadeira* para chegar mais depressa á costa, levando duas cobertas debaixo de agua. Nuno Velho por uma feliz previdencia mandou juntar as espingardas e munições que se

achassem, o que se fez recolhendo-se na tolda o que se encontrou. Mais tarde foram tirados estes petrechos dos pedaços da nau que tinham varado na costa. Valeu de muito esta lembrança do velho capitão de Sofála, pois que sem armas muito teriam soffrido os portuguezes dos cafres.

Proximo da terra mandou o mestre cortar os mastros, aos quaes se deitaram muitas pessoas. Presos, porem, por alguma enxarcea, deram n'elles as ondas impetuosas que rebentávam junto á nau, e afogaram aquelles infelizes partindo-lhes a muitos pernas e braços.

Depois de algumas horas de horrivel angustia para os desgraçados naufragos, encalhou a nau das 9 ás 10 da manhã de 24 de março, distante da terra uns quatrocentos passos, partindo-se em dois corpos, um que ficou encalhado e outro superior que chegou a terra. Na proa conservava-se o capitão, o mestre e o piloto com muita gente. Á popa Nuno Velho velava por D. Izabel e D. Luiza recolhidas debaixo de um balandráo de chamalote.

Alguns homens impacientes de chegarem á costa deitaram-se a nado e pereceram muitos atirados pelo impeto das vagas de encontro aos rochedos.

Ao anoitecer se despegou a prôa da popa. Nuno Velho, temendo que as grandes correntes levassem o pedaço sobre que estava, o fez atar a terra por um homem afoito e de confiança, e pela madrugada se desembarcou com todos os que estavam com elle. Trataram os naufragos de accender grandes fogueiras para se aquecerem e enxu-

gar o fato, e recolhendo o que poderam da nau, elegeram seu capitão a Nuno Velho, o qual os guiou a Moçambique, menos alguns que pereceram no caminho e um troço que determinou ir por terra até Sofála, o qual foi tão dissimado dos cafres que só dois homens ali chegaram.

Além de doze espingardas, rodelas e espadas, trez caldeirões e um pouco de arroz que por mandado do capitão se tiraram da nau, ainda ali enviou Nuno Velho o mesmo capitão e o mestre os quaes consiguiram haver tres mosquetes, mais quatro espingardas, dois fardos de arroz, algum pão, carne, vinho, azeite e conservas. Estes mantimentos, porém, de pouco serviriam aos portuguezes se os cafres cujas terras atravessaram, lhes não trocassem vaccas, leite e carneiros por pedaços de cobre, rosarios de chrystal, chaves e pregos.

A Luspance um dos chefes, que primeiro teve communicação com os nanfragos, offereceu Nuno Velho, uma bacia de latão cheia de pregos e um escritorio dourado da China, em troca de dois carneiros grandes. Trajava Luspance um mantão de pelle de bezerro untada de gordura, e calçava umas rodellas de couro cru atadas com correias. Na orelha esquerda, como distinctivo de nobresa trazia um grande brinco de cobre. Quando se chegou a Nuno Velho beijou a propria mão depois de ter-lh'a corrido pela barba, ceremonia que foi tambem executada nos portuguezes por toda a sua comitiva. As vaccas que Luspance mandou vir foram mortas a tiro o que produzia grande

terror nos cafres, e foi necessario segural-os para que se não fossem. Luspance acompanhou os portuguezes até ao rio do Infante, aonde pediu a dois negros lhes servissem de guia, aos quaes Nuno Velho deu dois rosarios de vidro.

N'este rio, que passaram a vau, com agua pelo joelho, viram muitos cavallos marinhos e aves aquaticas.

Em toda esta excursão eram levadas em especie de *maxiras* ou *machillas* ás costas dos escravos de Nuno Velho, e por homens da tripulação, D. Isabel e D. Luisa, que não pouco embaraço causavam. Os mosquetes por serem muito pesados foram lançados n'uma ribeira.

O paiz que se patenteou aos naufragos n'esta trabalhosa jornada era summamente encantador e fertillissimo: prados viçosos, campinas aprasiveis emmolduradas de um e d'outro lado de outeiros verdejantes; bosques frondosos e espessos; ribeiras abundantes de agua em cujas margens pastava numerosissimo gado, tão copioso que os cafres davam meio almude de leite por quatro pregos e tres ou quatro vaccas por dois ou tres pedaços pequenos de cobre.

Esta abundancia, comtudo, nem sempre servia aos portuguezes, que tiveram occasiões de manterem-se de raizes. Nuno Velho sabendo que muitos homens resgatavam os mantimentos a seu bel prazer, alterando o preço d'elles, fez orçamento de todo o cobre, ferro e peças que havia, ajuramentando a todos para que declarassem o que tinham e qúe o entregassem ao proveder e the-

soureiro. Ainda n'aquella época servia de alguma coisa o juramento! Entendeu que d'este modo tudo seria destribuido com egualdade. Nuno Velho, sem o saber, realisava o que mais tarde tentou realisar a Communa, o que fizeram os christãos do primeiro seculo da egreja e antes d'estes pretenderam realisar os tribunos romanos com a celebrada *lei agraria.* Em todo o caso, por esta medida energica do capitão-mór, cessou a alta dos mantimentos.

A indole d'estes cafres era affavel, posto que cubiçosa no que não levam a palma em certamen de cupidez aos nossos europeus. Em muitas das povoações a que chegavam os portuguezes vinham-nos receber cantando e bailando os negros com suas mulheres e filhas.

Ao atravessar a serra Moxangala repararam que durante dois dias de jornada se lhes apresentaram vinte e tres ribeiros, causa efficiente da extrema fertilidade que ali observaram. No alto d'ella acamparam.

—«Vieram com os nossos a este alojamento quatro negros, diz Lavanha, que entraram pela manhã, os quaes por maravilha os vinham ver; e o principal d'elles — chamado Catine — apresentou ao geral um folle de leite, que lhe elle pagou com um trebelho de Enxedres, que atado em um fio de seda branca lhe deitou ao pescoço. Aprovaram estes cafres o caminho e pedindo-lhes Nuno Velho que por elle o guiassem, prometteram de o fazer se a paga fosse egual ao trabalho, que o

muito despovoado merecia. Não se desavieram n'ella, porque como lhe mostraram um castiçal de latão, houveram-se por satisfeitos e ficando aquella noite com os nossos, mandaram dois dos seus buscar vaccas para resgatar o outro dia.

«No qual caminhando ao longo da mesma serra e assomando em um alto um negro dos que foram buscar as vaccas, sem ellas o Catine se acolheu e do outro que se chamava Naribe deitaram mão os nossos, que vendo-se preso com grande espanto e temor bradava pelos outros, que de longe o consolavam. Domesticou-se, porém, com promessas e dadivas, sendo uma d'ellas o castiçal promettido ao companheiro, e houve por bem de guiar a nossa gente assim amarrado. A qual seguindo ao longo da serra e passando a calma á sombra d'uns penedos pelos quaes corria uma ribeira, fizeram o caminho á tarde ao Nordeste, e ao Sol posto acabaram de passar a serra e chegaram a um rio que com muita furia corria por um grande bosque. Ao longo d'elle se agasalhou o arrayal e tomou mantimento necessario para dois dias.

«Passou-se o rio por algumas pedras grandes que n'elle havia e caminhando por terra chã, encontraram com outra serra, que vinha de leste juntar-se com a passada de Moxangála e entre ambas havia um valle que corria ao nordeste com estrada seguida. Por ella caminharam os nossos emquanto durou o valle e d'elle subiram a outra serra, em cujo alto se soltou o negro que guiava, de uma touca com que Nuno Velho Pereira o tra-

zia atado e com um grande salto atravessando um regato, fugio correndo mui ligeiramente.

«Ficaram os nossos sem guia e depois que baixáram d'onde estavam e subiram outro monte, n'elle por ser todo de pedra perderam o caminho que levavam. Viram d'elle uma campina de abundoso pasto e no cabo d'ella dois grandes outeiros, que entre duas serras ficavam. Os quaes porque estavam ao nordeste, e por entre elles parecia que teria o caminho melhor subida, ordenou o piloto que a elles endireitasse o arrayal. Assim se fez e além d'estes outeiros encontrando-se com uma ribeira, que corria por um grande rochedo, n'ella se alojou sem lenha, que fôra bem necessaria para uma trovoada, que houve aquella noite, com chuva.»

Os cafres os ajudaram por vezes a passarem os rios caudalosos que encontravam. Uma vez, porém, tiveram de metter á agua os homens mais fortes e rijos, a qual lhes dava pelos peitos. Em uns piques atravessados de uns a outros levaram os fracos e as mulheres, indo os doentes nas machilas de D. Izabel e de D. Luiza, as quaes mettidas na agua atravessaram o rio levadas de braço de Francisco da Silva e João de Valadares. O gado passou optimamente para a outra margem donde os naufragos accenderam grandes fogos e armaram as tendas debaixo das arvores.

Passando muitos trabalhos e havendo deixado no caminho alguns companheiros, chegaram por fim á bahia de Lourenço Marques d'onde se em-

barcaram para Moçambique e antes d'ali aportar além das 300 leguas que andaram na cafraria, ainda soffreram um rijo vendaval n'aquelle trajecto que os obrigou a alijar carga ao mar.

D. Izabel de Mello e sua filha D. Luiza pereceram, depois de tantas provações no incendio da nau Chagas em 1594. Lançaram-se ao mar quando viram a embarcação abrasada e para que a morte não as separasse ligaram-se uma á outra por um cordão de S. Francisco. Foram assim que appareceram cadaveres nas praias do Fayal, onde os habitantes, cumprindo o voto das tristes e desditosas victimas da mais adversa sorte reuniram na mesma cova a mãi e a filha. A sua sorte foi crudelissima.

No combate da nau *Chagas,* com as tres naus inglezas que a destruiram, ha actos de grande valor da parte dos portuguezes, que eram em numero muitissimo inferior.

— Haja bom animo, senhores, que isto recebi em meu officio! Ninguem desampare o seu logar e antes abrasados que rendidos!

Isto gritava D. Rodrigo de Cordova, com as pernas partidas e despedaçadas de uma bala.

Nuno Velho Pereira obrou prodigios de valor. Foi salvo por uma lancha ingleza das que andavam a acabar ás lançadas e a tiro os portuguezes que não tinham perecido no incendio. Um naufrago dos que estavam com Nuno Velho no gurupez da nau mostrou um fio de perolas e aquelle

resgate abrandou a deshumanidade ingleza. Nuno Velho e Braz Corrêa foram levados a Inglaterra como prisioneiros. Durante o governo de Nuno Velho Pereira, que em 1585 era capitão mór de Sofála, os *zimbos*, cafres autropophagos, raça aguerrida ao noroeste das montanhas de Chicova apossaram-se da terra firme fronteira a Moçambique e ali os habitantes foram quasi todos mortos na defensão das suas casas e grangearias.

# VI

Lourenço Marques — Descobrimento — Tentativas dos francezes, hollandezes, austriacos e inglezes — A baleia e os cacholotes — Pesca — Futuro commercial de Lourenço Marques

A bahia de Lourenço Marques foi descoberta pelo portuguez que lhe deu o nome em 1544.

Dois annos depois, Lourenço Marques, alcançava de D. João III ordem para o vice-rei da India lhe prestar todo o auxilio attinente a concluir o descobrimento dos rios e da bahia d'aquelle notavel ponto da costa africana.

Hollandezes, francezes, austriacos e inglezes, tentaram ali estabelecer feitoria e usurpar o direito de descobrimento e conquista portugueza. Estes ultimos aproveitando o desleixo dos governos da metropole, ainda antes de fundarem estabelecimento, mandaram os seus navios a commerciar áquelle porto. Esta incuria portugueza é

affirmada pelo governador Mello e Castro que, em 1753, declarava que para a bahia de Lourenço Marques de ha muito não iam navios portuguezes e que só pela tradicção era conhecida. Ainda assim uma expedição mandada da India expulsou d'ali os austriacos em 1780. Os francezes, em 1796, arrasaram e saquearam o presidio cuja fortificação tinha ficado concluida em 1787.

Ultimamente como já disse no capitulo anterior a este, um jurisconsulto insigne fez bem patente o direito de Portugal a esta bahia tão apetecida das nações e especialmente da Inglaterra.

Affirma Francisco Maria Bordallo que o commercio n'esta parte da Africa nunca foi muito prospero. Deve dizer-se, comtudo, que vem ali para permutar com abundancia as pontas de *abada*, os dentes de elefante e de cavallo marinho.

Alguns portuguezes e entre elles João Pereira Caldas, que foi assassinado pelos cafres em 1818, quizeram explorar a pesca da baleia, a exemplo de estrangeiros que vinham fazer aquella pesca á entrada da bahia. Nunca foi, porém, satisfactorio o resultado, embora constituidos em companhia com privilegio exclusivo da pesca.

As baleias são mamiferos cetaceos e as maiores abundam nos mares do norte. Differem dos cacholotes — *Physeter* — em terem em logar de dentes, laminas triangulares de substancia cornea e fibrosa, implantadas verticalmente no paladar e apinhadas parallelamente, terminando por fibras delgadas nas extremidades. Esta substancia conhecida no commercio pelo nome de barbas

de baleia, é o orgão de que se serve o animal para embaraçar e deter os pequenos animaes de que se nutre. Emquanto ao mais, tanto na grandeza da cauda como no avolumado da cabeça, são muito similhantes aos cacholotes.

Ha duas especies notaveis d'este genero: o *baleote cabeçudo, physeter macrocephalus* e o cacholote maior, *ph maximus*. A primeira é a que me parece habita as aguas de Moçambique, pois é mais vulgar nos mares dos paizes quentes. Encontram-se alguns d'estes animaes que têem sessenta pés de comprimento, comprehendendo a cabeça metade ou o terço do corpo, a qual é revestida superiormente de cartilagens e encerra grande porção de medula impropriamente chamada *sperma-ceti*.

A baleia no seu maior desenvolvimento chega a ter quarenta metros de comprimento. Dos lados do corpo, proximo da cabeça, sahem-lhe duas grandes barbatanas ou mãos espalmadas, que servem ao macho para se dirigir e á femea para agarrar o seu baleato. A pelle é durissima, preta, lisa e sem pello, e cobre a camada adiposa ou toucinho que tem cerca de $0,^m3$ de espessura. Nas maiores baleias a abertura da bocca chega a ser de seis metros. As barbas têem dois a quatro metros de comprimento. Os respiradouros ou ventas estão collocadas sobre a cabeça e jorram agoa a grande distancia. O baleato recem-nascido tem quasi tres metros. A mãe amamenta-o deitando-se de ilharga na superficie das aguas e fazendo sahir as tetas do ventre.

A pesca da baleia remonta ao seculo XV. Os

hollandezes deram-lhe grande desenvolvimento. Quando algum navio baleeiro avista o animal, deita lanchas ao mar e a equipagem aproxima-se do cetaceo á força de remos e o mais destro e intrepido marinheiro, que vae á proa, lhe atira o harpéo, especie de farpa comprida e presa a uma extensa corda de linho. Ferida, agita-se a baleia com furiosos movimentos, dá enormes pancadas com a cauda e, se lhe ficam ao alcance, despedaça as lanchas, matando o harpoador e remeiros.

Se o harpeo ficou bem preso, alarga-se a corda e a lancha vae seguindo o animal que, ao primeiro golpe, foge e mergulha. Quando volta á superficie das aguas para respirar, tentam acabal-o a golpes de lança. Então o combate torna-se renhido e o sangue do monstro jorrado com força pelos respiradouros, conjuntamente com a agua, inunda as lanchas e cobre o mar.

Depois de morta, cortam-lhe a cauda e atam-na ao costado do navio. Os carpinteiros, vestidos de couro e calçados de botas armadas de pontas de ferro para não escorregarem, descem-lhe sobre o corpo e tiram-lhe o toucinho que é logo derretido e guardado em barricas. Acabada esta operação para o que se servem de facalhões de quasi metro e meio, tiram-lhe então as barbas, as quaes com o azeite constituem o melhor producto d'esta pesca. Uma baleia ordinaria dá cerca de 6:000 kilogrammas de azeite.

Para um grande futuro commercial está destinado o districto de Lourenço Marques. A sua im-

portancia é provada pelo modo como as principaes nações da Europa tentaram subtrail-o ao dominio portuguez, e pelo pleito recente, sustentado e perdido pela Inglaterra. Realisadas as vias de communicação de Lourenço Marques com as colonias hollandezas, aquella bahia será o ponto mais commercial da provincia e mais frequentado que os portos da colonia ingleza estabelecida ao norte do cabo da Boa Esperança. O marfim, a urzella, o arroz, coirame, gergelim, preciosas pelletarias, trigo e outros cereaes e productos d'essas colonias serão exportados por Lourenço Marques por onde tambem ellas se hão de fornecer.

Os campos que cercam este presidio são fertilissimos e pastam n'elles innumeras manadas de gado. N'este districto ha terrenos diamantiferos não explorados.

# VII

A ilha de Moçambique — Vasco da Gama — Pedro Alvarez Cabral — colonisação — Defensa heroica de D. Estevão de Athayde contra os hollandezes — Immoralidade dos governadores — Gaspar de Sousa de Lacerda — Os baneanes — Primeira escola publica — Energia de Joaquim Pereira Marinho — Descripção — Edificios — Habitantes — Commercio.

No 1.° de março de 1498, avistou Vasco da Gama, capitão-mór da expedição que ia á descoberta da India, a ilha de Moçambique aonde encontrou estabelecida uma colonia de arabes do mar Roxo e de mercadores indios.

Em 1500, depois da descoberta do Brasil, Pedro Alvarez Cabral, aportou ali e mandou Sancho de Toar descobrir Sofála.

As armadas que partiam do reino para a India faziam sempre escala por aquella ilha, cuja impor-

tancia era reconhecida, tendo começo em 1506 a sua colonisação assim como a dos territorios que constituem aquella provincia. Em 1508 ficou concluida a fortaleza em cujo local existe actualmente o palacio do governador. Mais tarde se fez outra fortaleaz no sitio aonde hoje está.

Em 1607 tentaram os hollandezes apoderar-se da fortaleza. Uma pequena esquadra tentou o assalto mas foi repellida por Estevão de Athayde que havia sido mandado para ali com cento e cincoenta homens, munições e mantimentos, pelo arcebispo de Goa, D. Aleixo de Menezes, que então governava interinamente a India e a quem constou o desleixo do governador da provincia, Sebastião de Macedo, que levara a negligencia a ponto de não ter abastecida a fortaleza. Este mesmo Estevão de Athayde teve occasião de illustrar o nome na brilhante defesa que fez, quando em 1608 uma armada de treze naus, com mil e novecentos soldados de desembarque, viveres para tres annos e tresentos sessenta e sete canhões, commandada por Pedro Williams Verhoeven, veiu pôr cerco á praça. Durou o sitio vinte dias.

Estevão não só se defendeu mas até fez sortidas sobre os inimigos, de modo que Verhoeven foi obrigado a embarcar deixando trinta mortos e levando oitenta feridos, tendo o batavo a cobardia de queimar a povoação e de matar os prisioneiros á vista dos defensores da fortaleza.

A bravura de Estevão de Athayde pertence áquelles feitos que obrigaram a dizer ao illustre Raynal:

—«Que nação houve que fizesse tanto com tão pouco?... Os portuguezes fizeram tremer o imperio de Marrocos, todos os barbaros da Africa, os mamelucos, os arabes, e todo o Oriente, de Ormuz até ás fronteiras da China! Não tocava um a cada cem!»

Infelizmente os gloriosos feitos dos portuguezes na Africa e na India são manchados por estorsões horriveis e horriveis barbaridades. Estevão de Athayde foi pouco depois rendido por ordem do governador da India e autoado como criminoso. Em 1612, voltou de Goa aonde fizera ao vice-rei, conde da Feira, grandes promessas sobre a conquista das minas. Construiu então os fortes de Luabo e Quelimane. Porém em 1612 teve ordem de retirar-se de Moçambique, sendo processado pelo crime de concussão pelo desembargador Francisco da Fonseca Pinto. O mesmo magistrado instaurou processo a Diogo Simões Madeira que substituira Athayde, o qual mandara para Lisboa alguma prata, dizendo que era das minas de Chicova, fraude com que obtivera a mercê do habito de Christo, que n'aquelle tempo não era dado a rodo como agora.

O governador Lacerda, citado por Francisco Maria Bordallo, diz que os seus antecessores não sahíam fóra de casa sem ser na sua cadeirinha, e com dois grandes chapeus de sol de velludo, com grandes maçanetas de prata de uma e outra parte, para que os raios do sol, ainda perto do occaso, os não molestasse; que viviam envolvidos em sedas e pannos brancos finissimos; que repetidas

vezes adoeciam de indigestão ou mordaxim, por causa da sua explendida e profusa mesa, e que finalmente gastavam o tempo em espalhar fato e arrecadar ouro e marfim.

Em 1670 foi accommettida a fortaleza pelos arabes de Mascate e salva pelos esforços do seu alcaide-mór e feitor Gaspar de Sousa de Lacerda.

João de Sousa Freire estabeleceu na ilha uma alfandega em 1671, tirando aos governadores o exclusivo do trafico de Moçambique, ficando livre para todos os portuguezes.

Os baneanes estabeleceram-se ali em 1687. Obtiveram grandes privilegios e nas suas mãos esteve por largos annos o commercio de Moçambique com a India, o qual actualmente passou em grande parte para os batiás do Indostão. Entre esses privilegios e regalias que perderam successivamente, figura o julgamento das suas causas por juizes privativos. A sua companhia desfez-se em 1777. Ficaram então negociando em separado. Era, porém, tal as desordens que promoviam que, em 1783, mandaram-se recolher á ilha de Moçambique os que traficavam em varios pontos da provincia, sendo-lhes prohibida a sahida da capital sem passaporte.

A primeira escola publica estabelecida em Moçambique data de 1799, sendo o local o edificio conventual de S. Domingos. Governava então Francisco Guedes de Carvalho e Menezes da Costa, o qual pediu e só obteve em 1818 que a villa de Moçambique fosse elevada a cidade.

E' muito para louvar a energia do governador

Joaquim Pereira Marinho que aportando ali, achou a barra bloqueada por dois brigues de guerra inglezes, em consequencia de não haver-se executado o tratado que abolia nos dominios de Portugal o trafico da escravatura. O governador, não obstante o cofre do estado achar-se esgotado e ser-lhe quasi impossivel crear fontes de receita que substituissem os recursos d'aquelle horrendo commercio, que data de 1645, anno em que d'ali foram os primeiros escravos para o Brasil, em consequencia de Angola achar-se em poder dos hollandezes — perseguiu abertamente os negreiros e fez respeitar o decreto de 10 de dezembro de 1836.

A ilha de Moçambique tem cerca de uma legua de circumferencia. A cidade é pequena e de ruas estreitas. O aspecto da ilha e povoação é triste.

Tem tres fortalezas: a de S. Sebastião, de S. Lourenço e Santo Antonio.

O forte de S. Sebastião é assente em rocha viva e construido de optima cantaria. Em tempo teve cem boccas de fogo. Consta, porém, que o actual ministerio o mandou desguarnecer retirando-lhe a artilheria. Tem tres cisternas e bons commodos para tropa.

O forte de S. Lourenço, na ponta sudoeste da ilha, é cercado de aguas nas marés vivas. Jaz arruinado e não serve para proteger o pedaço de terra firme, Sancule, que fica do outro lado do canal.

Uma destruida e arruinadissima obra de fortificação, na costa de sueste, constitue o forte de

Santo Antonio — nome de uma ermida em tempo muito visitada e aonde os habitantes de Moçambique foram largamente explorados pela devoção.

São sete os bairros em que se divide a cidade de Moçambique: — de S. Domingos, de S. Gabriel, da Sé, do concelho, da Missanga, da Maragonha, da Ponta da Ilha.

As praças são arborisadas e nas principaes notam-se a do *Bazar* e uma outra no centro da qual se ergue um monumento a D. João VI, a quem o sr. Viale chamou com toda a delicadeza palaciana que o destingue *Tito Portuguez.*

O antigo bairro de Chissanga foi ha poucos annos reformado, destruindo-se umas sordidas palhotas que eram as unicas habitações que o constituiam.

No bairro da Maragonha mandou-se ha tempo entupir um grande tanque que continha aguas estagnadas e putrefactas, assim como se substituiu o cemiterio que ali havia chamado de Nossa Senhora da Saude por outro na ponta da ilha. N'este bairro existe o celleiro publico, á beira-mar. E' vasto edificio e foi construido em 1827. Além d'isto tem uma imprensa nacional, um asylo de infancia desvalida feminina, e um theatro.

Em 1852, segundo um calculo approximado estatistico, referido por Francisco Maria Bordallo, a cidade continha 300 predios, fóra as palhotas, e habitavam-na 120 europeus, 240 mouros, 60 baneanes, 12 parses e 6:000 negros entre livres e escravos.

Dos baneanes já acima se disse relativo ao seu

monopolio commercial. A industria, energia e artimanhas d'esta raça, fizeram-na perseguida dos governadores. E' de crer que não repartia com elles ou, como fez no continente D. João III e outros que lhe succederam com os judeus, acharam mais facil e lucrativo perseguil-a e despojal-a. Eis um modo facil de fazer justiça, além de passar á posteridade por um severo juiz: — condemnar o ladrão e ficar-lhe com o furto em detrimento do lesado. Este proceder, a que alguem talvez chame immoralidade, é por vezes usado na metropole.

Hoje os baneanes gosam de todos os direitos civis de cidadãos portuguezes.

Os parses são pouco numerosos ali. Ainda assim constituem um povo notavel para demorar-me alguma cousa com as suas crenças.

Os ministros da religião dos parses ou sectarios modernos da antiga doutrina de Zoroastro, formam cinco classes: — dos erbides, mobides, destures mobides e destures de destures.

O *erbid* soffreu a purificação legal, leu quatro dias sem interrupção o *Izeschné* e o *Vendidad* e foi iniciado nas ceremonias do culto instituido por Zoroastro.

Para que o *erbid* seja *mobid* precisa continuar a ler em publico as obras do *Zend-Avesta* e a exercer as funcções sacerdotaes.

Continuando no estudo das leis do Zend e do Pehlvi, abs-tendose das funcções de ministro, será *destur,* e continuando n'essas funcções é chamado *destur mobid.*

O *destur dos destures* decide dos casos da cons-

ciencia e dos pontos difficeis da lei e é o primeiro d'uma provincia ou cidade. Este recebe uma especie de dizimo que os parses lhe pagam, o que prova que em parte nenhuma do globo são gratuitas as cousas do céo.

Quando Anquetil viajava em Surate e estudava os costumes d'estes crentes, havia entre elles gravissima pendencia, que os dividia em duas seitas furiosas uma contra a outra. Tratava-se nada menos que de saber se o *peno*, pedaço de linho que os parses usam em certos dias, devia ou não ser posto junto ao rosto dos moribundos. Como se vê não se tratava de bagatella. Em todo o caso cumpre dizer aqui com o poeta:

> «.................... Quid rides?
> mutato nomine de te fabula narratur!»

A idéa fundamental contida no Zend-Avesta, é o dualismo dos dois principios, um do bem ou da luz, *Ormuzd;* o outro do mal ou das trevas, *Ahrimano*. Estas duas divindades estão sujeitas a uma terceira, eterna, superior que preside impassivel á luta —*Zervana-Akerena*.

*Ormuzd,* não creou o universo, mas impede a destruição d'elle, emprehendida por seu irmão *Ahrimano* secundado dos *Dews* ou *Darvandes,* inimigos dos *Isedes* e dos *Amschaspandes,* genios beneficos sob as ordens do bom principio— *Ormuzd,* cuja imagem é o fogo.

Os parses purificam-se pela agua fazendo ablucções, isto é lavando os pés, as mãos e o rosto,

pronunciando ao mesmo tempo certas formulas.

Na ilha de Moçambique está muito generalisado nas senhoras o vestuario europeu. Em algumas villas, comtudo, as mulheres christãs, em casa e nos passeios usam do *quimão*, jaleco sem gola, justo ao corpo e de manga curta, sobre o qual, no peito começa a enrolar-se um panno apertado na cintura por uma facha.

As mouras não apparecem nas ruas sem o *mucume* — especie de lenços cosidos uns aos outros e em logar do *quimão*, usam do *choly*, outra especie de jaleco. Os cafres tem apenas por vestuario o *lagatim* ou tanga.

As senhoras saem em *maxilas*, especie de liteira levada por homens, e empregam as horas de ocio em fazer cigarros, rolados em folha de bananeira. Estas cigarrilhas são conicas e vendem-se no mercado — bazar.

Moçambique faz commercio de cabotagem com todos os portos da provincia, e além da carga que os navios, que vão directamente da Europa, tomam n'estes portos, vem d'elles muitos generos para Moçambique, principalmente o marfim, que vae depois para a India, e com especialidade o galangó — que é o marfim com a grossura propria para o fabrico de manilhas de que usam todas as mulheres do Indostão.

Faltam as estatisticas minuciosas e por isso não é possivel dizer ao certo as toneladas de carga que de Moçambique sae todos os annos. E' certo, porém, que as casas de Marselha Fabre & Filhos e Regis Ainé expedem todos os annos da capital

vinte navios de 400 e 1:000 toneladas, completamente carregados.

Para a India saem todos os annos alguns pequenos navios e pangaios com carregamento de marfim, arroz e mantimentos.

Nos generos de consumo da cidade figuram especialmente o milho fino e grosso, feijão, arroz e mendoim.

**Macaea** — que é a raiz da Mandioca verde, cortada em pedaços e secca ao sol.

Jugo — especie de feijão.

Azeite, doce, de coco e gergelim.

Assucar, do norte, americano e ordinario.

Barcalá — pequena peça de zuarte. Carlangani, peça de algodão listrado. Cassa branca e chita ingleza. Doutim de Carni e de Goa, fazenda branca de algodão. Dogogim e dorogogim pintados, tecidos de algodão. Getim de Diu pintado, tecido ordinario de algodão. Samater, fazenda branca, estreita e rala. Xaille, panno encarnado. Loupa, zuarte fino azul ou preto. Gonguros, fazenda de algodão de cores, inferior, fabricada no Malabar. Lenços. Zuartes, fazenda azul que vale doze pannos ou xuabos. Capotins, panno azul ordinario de algodão, cuja peça tem duas braças e se chama ardian se tem tres.

Manteiga, chá, conservas, aletria, ameixas, amendoas, areca, azeitonas, bacalhau, batatas, bolacha, cebolas, cerveja, vinhos, cevadinha, chouriços, cidra, cominhos doces, damascos, farinhas, erva doce, figos, licores, genebra, limonadas gozosas, massas, ostras, passas, peixe secco

e salgado, pimenta redonda, presuntos, queijos, sardinhas em latas, tamaras, vinagre e aguardente.

Agulhas, alfinetes, facas e mais utensilios e ferramentas, além de objectos de uso commum, como são palitos, pregos, balanças, rolhas, etc.

Drogas e perfumarias. Chumbo, ferro em barra, polvora, armas e manilhas de latão. Fato feito e roupa branca, luvas, sapatos, etc.

Moveis e louças.

Emquanto á exportação:

Aguardente de cajú e azeite de gergelim.

Arroz em casca, café, trigo em farinha, tabaco, tapioca, gergelim, jugo, legumes, mendoim, michoeira, milho, achar ou conserva de limão e cocos.

Bengalas de abada, bolsas de palha, cestos, caixas de costura, cabos para facas feitos de pontas de abada, cairo ou filamento de coco, esteiras, couros, dentes de cavallo marinho, marfim, tartaruga, pau preto e pau ferro.

Urzella, cera virgem, calumba e gomma copal.

Carne salgada, busios e cauril.

Ha quatro qualidades de marfim, segundo o peso dos dentes. O dente cujo peso excede a 18 arrateis constitue o grosso e regula a 45$000 réis a arroba. O meão, de 14 arrateis, a 40$000 réis. O miudo, entre 14 e 7, a 34$000 réis. O *escravelho* ou cera que é o infimo, a 11$000 réis. Na permutação com os cafres um *bare* ou fumba de marfim equivale a um *bare* de fato, isto é a 400 pannos, ou braças de fazenda de algodão.

O *cauril* ou *cauri* é uma concha branca cujos

labios são desegualmente grossos e formam de cada lado uma ou duas tuberosidades. Pertence ao genero das porcelanas — *cypræa moneta* e serve de moeda em alguns pontos da Africa. E' exportado de Moçambique, e especialmente de Ibo, para Costa de Mina em navios francezes e para Zanzibar em pangaios.

A *corja* é uma collecção de vinte objectos. As manilhas de cobre, os gonguros, e outros artigos vendem-se por corjas.

A *panja* é medida dos cereaes e corresponde pouco mais ou menos a um alqueire e $^{3}/_{4}$. Vendem-se por panjas as castanhas de cajú, o feijão, arroz, etc.

As moedas provinciaes são: A barrinha de ouro, pesando quatro oitavas e valendo 6$600 réis fortes. O toque é de pouco mais de quatorze quilates. As meias barrinhas são raras em Moçambique.

A pataca ou barra de prata vale 600 réis fortes. Umas e outras não têem cunho; são umas simples linguetas de metal.

## VIII

### O Imbondeiro — Adansonia digitada

Nas regiões mais ardentes do continente africano existe uma planta que é o mais volumoso de todos os vegetaes conhecidos. As suas dimensões parecem incriveis. E' uma arvore cujo tronco se não eleva a muito alto, mas que attinge ás vezes 120 pés de circumferencia. Na parte superior é coroado de ramos de oitenta pés de cumprimento parte dos quaes pendem para o chão, obedecendo ao proprio peso, e parte estendem-se horisontalmente cobrindo uma grande porção de terreno. Da axilla de duas ou tres folhas inferiores d'estes ramos pende uma flor solitaria, branca e de quasi um palmo de largura. A estas flores succedemse- volumosas capsulas, lenhosas, ovaes, revestidas exteriormente de uma felpa esverdeada, e que chegam a medir meio metro na sua maior dimensão. As raizes são tão grossas como os tron-

cos, mas estendem-se a maior distancia do que elles. Observou um naturalista que n'um *Imbondeiro*, que poderia ter cerca de 1:000 a 1:200 annos da edade, e que media apenas a circumferencia de sessenta e sete pés, as raizes tinham o comprimento de quarenta metros. A raiz principal é um enorme fuso que perfura o terreno verticalmente, e que chega a grande profundidade. As raizes lateraes sulcam o terreno ondulantes e similhando serpentes gigantescas. Para se fazer idéa d'este coloso vegetal imagine-se uma grande moita de setenta ou oitenta pés de altura e de cento e cincoenta pés de diametro. O meu amigo João Eduardo Ribeiro teve occasião, mais d'uma vez, de contemplar esta arvore, em todo o seu desenvolvimento. No anno de 1856 fazia elle viagem das ilhas de Bazaruto, que ficam entre Sofála e Inhambane, para Inhaca, terras proximas de Lourenço Marques. Ao meu amigo, que se dirigia em embaixada ao potentado de Manicussa, faltou-lhe a agua, e mandando-a procurar por alguns pretos, que armados de brodões sondavam todos os orificios e fendas das arvores que encontravam, achou-se um *Imbondeiro* que guardava no tronco grande porção d'aquelle liquido, como se podia ver por um buraco praticado na casca d'aquelle vegetal. Apressou-se toda a comitiva a saciar a sede e a encher as cabaças para o resto da viagem, e comquanto bebessem 315 pessoas notou-se com assombro, pue a superficie do liquido não tinha feito differença sensivel.

Mas não é sómente pelas extraordinarias di-

mensões que o *Imbondeiro* se torna notavel. O desenvolvimento d'esta arvore muito rapido nos primeiros annos, diminue depois consideravelmente, e a sua duração espanta. Adanson achou algumas d'estas arvores cujo tronco não chegára ainda a mais de 6 pés de diametro e que tinham gravadas na casca inscripções do XV e do XIII seculo. O mesmo botanico observou *Imbondeiros* de 6:000 annos, segundo o que elle pretende. O proprio Humboldt affirma que o *Imbondeiro* é o monumento organico mais antigo do nosso planeta. A madeira d'esta arvore é macia, branca e leve. Na Abyssinia, as abelhas silvestres costumam perfural-a e depôr n'ella o mel, que n'aquellas regiões é considerado como o melhor. Das cinzas do fructo do *Imbondeiro*, fructo que os pretos deixam de proposito apodrecer, extrahem um excellente sabão, fazendo ferver aquellas cinzas com oleo de palma.

Estas arvores são sujeitas a uma especie de caria, que as apodrece, e que lhes faz grandes cavidades. Os pretos tornam maiores as perfurações, transformando-as em especies de camaras onde suspendem os cadaveres d'aquelles a quem recusam as honras da sepultura, fechando a entrada com uma táboa. Estes corpos são geralmente de poetas e musicos, que assistem na côrte dos reis negros, e cuja superioridade de talentos os faz respeitar, emquanto vivos, mas que, por serem tidos como feiticeiros e demonios, são olhados com terror depois de mortos. Julgam os pretos além d'isso que, se enterrassem ou sub-

mergissem nas aguas aquelles corpos, attrahiam assim a maldição ao seu paiz, e é esta a rasão porque os escondem n'aquellas arvores.

O fructo do *Imbondeiro*, chamado *mulamba* na provincia de Moçambique, e *bocci* n'outros pontos de Africa, contém, em 10 ou 14 compartimentos, numerosas sementes envoltas n'uma polpa branca, a qual depois de secca se converte em pequenos granulos brilhantes, de um saber acido ligeiramente assucarado. Vauquelin, analysando esta substancia, achou ser composta d'uma gomma similhante á do Senegal; d'uma materia saccharina susceptivel de fermentação, mas incrystalisavel; de fecula amylacea; d'um acido, que parece ser o acido malico; e finalmente d'uma materia fibrosa. Os indigenas costumam cortar as capsulas de modo a deixarem-lhes uma pega, e servem-se d'ellas para baldes.

O *Imbondeiro*, como pertencente á familia das *Malvaceas*, participa do caracter mucilaginoso e das virtudes emolientes particulares áquella familia, sobretudo nas folhas e na casca. As folhas, seccas á sombra e pulverisadas, constituem o *lalo* que os naturaes misturam nos alimentos com o fim talvez de prevenir a inflammação das vias digestivas, doença tão commum n'aquellas regiões. Fervidas em agua, as folhas produzem uma tisana diuretica que mitiga o ardor do sangue.

A casca é filamentosa e fabrica-se d'ella optimo papel, e de qualidade tão superior que parece pergaminho. Filamentos e papel estão pa-

tentes no museu colonial, estabelecimento devido á diligencia de Antonio Julio Pinto de Magalhães, cavalheiro que com aquella instituição prestou um grande serviço ao paiz, mostrando-lhe as riquezas das colonias. Consta-me que ha uma casa commercial que exporta pelo Zaire para Londres a casca do *Imbondeiro* que é ali paga a treze ou quatorze libras por tonelada.

O tronco do *Imbondeiro* é algumas vezes aproveitado pelos pretos para cisternas. Estes depositos de agua da chuva são geralmente escondidos no mato e constituem uma parte das heranças de familia. Por meio de uma incisão extrahe-se do tronco d'esta arvore um liquido que exposto ao ar toma consistencia e parece participar das propriedades da gomma elastica.

Cresce esta arvore nos terrenos arenosos e humidos em diversos pontos de Africa, onde tambem é conhecida pelos nomes de *Arvore de pão de macaco* e *Baobab*. Dizem alguns que o ultimo nome tira a sua origem de duas vozes africanas de etymologia egypciaca: *bô* — arvore e *uab* — sagrada.

Transplantado para a America, o *Imbondeiro*, deu-se ali perfeitamente. Theobaldo de Chanvallon encontrou-o na Martinica, e outros viajantes observaram-no na ilha de S. Domingos.

O celebre Bernardo de Jussieu consagrou esta arvore sob o nome de *Adansonia* ao illustre botanico Adanson, o primeiro que deu uma descripção completa d'este colosso vegetal. Este nome admittido pelo grande naturalista sueco Carlos

Lineu, que em attenção ao feitio das folhas do *Imbondeiro* lhe juntou o de *digitata*, não o foi por aquelle ao qual esta denominação era homenagem. Adanson não quiz derrogar do principio que tinha estabelecido de conservar ás plantas os nomes por que eram conhecidas nos seus paizes nataes. Seria para estimar que este exemplo tivesse maior numero de imitadores.

O *Imbondeiro* é uma arvore preciosa, que faz parte d'essas riquezas coloniaes que tão pouco aproveitadas têem sido. Ha muito quem veja nas colonias um objecto de luxo, uma recordação apenas das glorias que passaram. E' preciso porém, que se olhe para ellas de modo mais positivo. Se Portugal pela exiguidade de territorio, que occupa na Europa, mal póde competir com as nações de segunda ordem, póde como nação de segunda ordem, póde, como nação maritima, tornar-se prospero e opulento, aproveitando os thesouros que as suas colonias lhe offerecem. Civilisar e desenvolver o commercio, a agricultura e industria d'aquellas vastissimas regiões é o unico meio, que resta a Portugal, para erguer-se do abatimento a que o levaram os que tão mal o administraram.

## IX

Colonia do Natal — Naufragio de Sepulveda — Narrações de Diogo de Couto e Côrte Real.

A opulenta colonia do Natal, vasto territorio coberto de expessos e excellentes bosques e regado por muitos rios em cujas margens virentes pastam numerosos rebanhos, deve o seu nome de Natal a Vasco da Gama que descobriu aquella costa em 25 de dezembro de 1497.

Foi em 1552 que ali naufragou Manuel de Sousa Sepulveda.

Esse tragico drama narrado por Corte Real, que fez d'elle um poema, Camões que o pôz na bocca do gigante Adamastor no seu livro immortal, e Diogo dè Couto que o descreveu em bella prosa, esse drama tornou-se tradicional e assumpto escolhido de outros poetas e prosadores.

Eis como o continuador das *Decadas* de João de Barros, descreve o final d'essa via angustiosa

que percórreu Sepulveda com os que lhe eram mais caros, até áquelle ponto do rio Manheça em que os cafres, dando n'elles novamente, os deixaram despidos. Esta narração é palpitante de realidade.

«—E D. Leonor, quando os cafres a quizeram despir, o não quiz consentir, antes ás bofetadas e dentadas como leôa magoada se defendia porque antes queria que a matassem que a despissem. Manuel de Sousa de Sepulveda vendo a sua amada esposa n'aquelle estado, e os filhos no chão chorando, parece que a magoa e a dor lhe resuscitou o entendimento — como acontece á candeia que se quer apagar, dar antes d'isso maior claridade — e tornando sobre si mais algum tanto, se chegou á mulher; e tomando-a sobre seus braços, lhe disse:

«—Senhora, deixae-vos despir, e lembrae vos que todos nós nascemos nús; e pois d'isto é Deus servido, sêde vós contente, que Elle haverá por bem que seja isto em penitencia dos nossos peccados.

«Com isto se deixou despir, não lhe deixando aquelles brutos deshumanos cousa alguma com que se podesse cobrir.

«Vendo-se ella nua, assentou-se no chão, e espalhou os seus formosissimos e cumpridos cabellos por diante, com o rosto todo baixo, porque a podessem cobrir, e assim com as mãos fez uma cova na area, onde se metteu até á cinta, sem mais se querer levantar d'ali. Os homens da companhia vendo D. Leonor foram-se afastando de

magoa e vergonha. Vendo ella a André Vaz, piloto, que virava as costas para se ir, chamou por elle e lhe disse:

«—Bem vedes, piloto, como estamos, e que já não podemos passar d'aqui, onde parece tem Deus ordenado que eu e meus filhos acabemos por meus peccados, i-vos muito embora, fazei por vos salvar, e encommendae-nos a Deus; e se fordes á India e a Portugal, em algum tempo, dizei como nos deixastes a Manuel de Sousa, e a mim com meus filhos.

«André Vaz enternecido de magoa d'aquelle piedoso espectaculo, virou as costas, sem responder nada, mas todo banhado em lagrimas, se foi continuando o seu caminho após os outros, que iam já diante. Manuel de Sousa com todos aquelles infortunios e magoas não se esqueceu da necessidade da mulher e dos tenros meninos que estavam chorando com fome; e foi-se aos matos a buscar alguma coisa para lhes dar e quando tornou com algumas fructas bravas, achou já um dos meninos morto, e D. Leonor como pasmada com os olhos n'elle e com o outro no collo. Elle pondo os olhos fitos n'ella e no menino morto ficou assim um pequeno espaço sem fallar cousa alguma. Passado elle fez uma cova na area e por sua mão o enterrou, lançando-lhe a derradeira benção.

«Feito isto tornou ao mato a buscar mais fructos para a mulher, e para o outro menino; e quando tornou achou ambos fallecidos e cinco escravas suas sobre os corpos com grandes gritos e

prantos; vendo Manuel de Sepulveda aquella desventura, apartou d'ali as escravas e assentou-se perto da mulher com o rosto sobre uma das mãos e os olhos n'ella, e assim esteve espaço de meia hora, sem chorar nem dizer palavra. Passado aquelle termo, levantou-se e começou a fazer uma cova com a ajuda das escravas — sempre sem fallar cousa alguma, — e tomando a mulher nos braços, chegando um pouco seu rosto ao d'ella, a deitou na cova com o filho; e depois de a cobrir, sem dizer coisa alguma ás moças se tornou a metter pelo mato, onde desappareceu, sem mais se saber d'elle, e sempre se presumiu que os tigres o comeram.»

Eis como Corte Real descreve esta scena dilacerante:

«E o coração presago a dura morte
Da sua Leonor lhe descubria.
Com trabalho se apressa por achar-se
Presente ao mal, que teme, e já vê certo,
E da penosa dor afadigado,
Quasi arrastando vae os lassos membros.
Um difficil anhelito lhe secca
A bôca já mortal, e os tristes olhos
Sumidos de fraqueza, em vivas fontes
De lagrimas piedosas se convertem.
Chega adonde Leonor ao passo forte
E ao termo tão temido estava entregue.
Vê que a turvada vista rodeando,
A elle só demanda, a elle só busca,
E vendo que é chegado esforça um pouco
O animo, e procura despedir-se.

Levanta com trabalho os mortaes olhos,
Quer-lhe fallar, a morte a lingua impide,
Firma-os cada vez mais no triste rosto
D'aquelle unico amigo, que já deixa,
Trabalha agasalhal-o, e não podendo
Com dôr mortal na terra se reclina.»

Estes dois homens, Diogo de Couto e Jeronymo Corte-Real, narravam assim com tanta realidade, porque tomaram parte e assistiram á luta tremenda dos portuguezes no Oriente. Se o continuador das *Decadas* tem todos os predicados de um historiador severo e verdadeiro, Corte-Real é sem duvida um dos nossos melhores poetas e tem logar de honra entre os mais harmoniosos de linguagem e dulcissimos de metrificação.

# X

Crenças — Feiticeiros — Muave — Milandos — Penalidades — Adulterio — O Matiamvo — O panda — Barbaridades.

Por vezes me tenho referido ás crenças religiosas dos cafres em geral. Todos elles têem ideia mais ou menos definida de um ente supremo. Julgam, porém, que por meio de encantações ou de feitiços, se podem alterar as leis immutaveis que o creador prescreveu á materia. D'este modo attribuem quasi sempre os males que os opprimem á malefica influencia de algum feiticeiro, e desgraçado d'aquelle sobre que recair essa accusação. Se não provar a sua innocencia, se não vomitar o *muave*, infusão de certa casca de arvore, terá morte horrenda na fogueira. Se, pelo contrario, o estomago expellir a repugnante beberragem é innocente e os seus accusadores devem-lhe indemnisação.

Segundo o uso antiguissimo dos cafres, os processos são verbaes e não havendo lei escripta, as decisões arbitrarias.

Os *milandos* — causas cafreaes — são julgados pelos maioraes dos districtos que constituiam os prazos da corôa, isto é pelos *mucazambos*. Qualquer dos litigantes pode appellar d'estes para o governador do districto, mas em ultimo recurso, pois antes ha de ser ouvido pelo capitão mór das Terras firmes, de que ha um em cada villa, o o qual, junto com os *bazos* e *chuangos*, sentenceia.

A não ser o crime de feiticeria, todos os outros são punidos com o pagamento de pannos e missanga, com a escravidão do réo e de sua familia ou com a amputação de algum membro. A pena de escravidão além de alcançar os parentes do réo, continua-se na sua descendencia. Incorrer em *milando de cabeça rapada* é ficar escravo com toda a sua familia. Quando se comprava um escravo a primeira cousa que se fazia era mandar-lhe rapar a cabeça.

O crime mais vulgar e que o *Inhamassango*, juiz cafreal em cada povoação, decide de ordinario em primeira instancia, é o de adulterio. O adultero paga a multa em que foi condemnado e fica livre, restabelecendo-se a antiga amisade entre elle e o marido. A adultera nada soffre e quasi sempre vae de combinação com o marido.

Como os costumes africanos se parecem com os da Europa!

Nem sempre, porém, passam as coisas assim.

O adulterio com as mulheres dos chefes é punido com a castração e a morte, quando elles não induziram suas mulheres a pratical-o com o fim de se apoderarem dos cabedaes do adultero.

Muitos carregadores dos feirantes que vão pelo sertão, ficam escravos por causa de se agradarem das mulheres do gentio, e outras vezes, perdem a vida. Referindo-se ao poderoso regulo Matiamvo, diz Rodrigues Graça no seu *Diario ás cabeceiras do rio Senna:*

«—Em 16 de abril de 1847 foi apanhado no cubiculo de uma de suas amasias e sua sobrinha, por nome J. N. Banza, successora ao seu estado e de quem tem um filho, um preto, o qual foi apresentado ao regulo e sem mais justificações foi mandado matar, e depois esquartejado e dado a comer a um gentio seu subordinado; pavorosa e lastimada scena!

«O infeliz pediu que á pena capital substituisse a do captiveiro, que o vendesse, ao que respondeu:

«—Quem não observa as minhas leis, quem me não respeita, menos servirá ao maneputo!

«Outras vezes o despota pune o adulterio de suas mulheres com a amputação das partes sexuaes, orelhas e nariz, o que se executa immediatamente em praça publica- O Matiamvo á mais pequena falta inflige aos seus subditos a escravidão poucas vezes e a morte quasi sempre.

«A ambição, o desejo de obter fazendas sem as pagar, obriga o despota a recorrer ao meio infame de induzir suas mulheres, das quaes tem de

500 a 600 em differentes partes das suas lavouras — a introduzirem-se nos cubiculos dos famulos e carregadores do feirante e terem com elles communicação e d'este modo exigir do negociante que lhe pague o crime chamado *o panda.*

«Importa este em dois banzos, cerca de 8$000 réis ou mais.

«Nas terras do Matiamvo os filhos não têem direito ao estado. Como em quasi toda a cafraria é o sobrinho, filho de irmã, que succede por morte do chefe. Explicam este uso dizendo que ha de existir forçosamente consanguinídade entre elles e os filhos de suas irmãs, o que pode deixar de haver com respeito a seus filhos.»

Que dirá a isto a fidalguia das nações civilisadas que põe todo o seu merecimento na sua *arvore genealogica,* aonde as avós são *Lucrecias,* nunca violentadas de nenhum *Tarquinio?*

# XI

Chicova — Os termittes — Os formigueiros — O tamanduá e os teriós — Formigas caçadoras — Extraordinaria vitalidade.

Na margem direita do Zambese ficam as celebres terras de Chicova, planicies fecundissimas que alimentaram n'outras épocas uma população numerosissima. Hoje quasi desertas, mostram ainda os algodoeiros (gossypium) nos campos outr'ora cultivados, e que o mato invadiu.

Affirma Lewingstone que os indigenas chamam *Manjika* ou primogenito ao planeta Venus, quando apparece de manhã e *ntanda*, quando se mostra de tarde. A' estrella Sirius chamam lhe *Kuehma*, isto é, o que traz a noite.

O rio Nyamatarara, confluente do Zambeze, serve de limite a Chicova. Perto d'esta confluencia ha um dique de basalto chamado *cacololo*. Este sitio abunda em ninhos de termittes.

Os termittes, vulgarmente conhecidos na zona torrida pela impropria denominação de *formigas brancas*, não pertencem ao genero *formica*, antes formam o genero *termes*, que, pelas mandibulas se avisinha dos orthopteros, mas que Latreille classificou na tribu *termitinæ*, familia dos *planipennes*, secção dos *filicornes*, e ordem dos *nevropteros*.

Vivem em sociedades numerosissimas e os estragos causados por elles são tão consideraveis quanto os seus costumes são dignos de admiração.

Compõe-se cada colonia de macho, femea, além das larvas, das nymphas e de uns pequenos animaes neutros e desprovidos de asas. Estes ultimos destinados unicamente á defeza do ninho, têem a cabeça enorme em relação ao corpo, e armada de fortes e cumpridas mandibulas. Têem cinco vezes o volume das larvas ou *termittes obreiros*, os quaes têem a cabeça pequena, os queixos curtos e de côr esbranquiçada.

As *larvas* além da construcção do ninho, encarregam-se tambem de ir buscar provisões para abastecer a colonia, servindo-se de canaes escavados na terra ou nas madeiras velhas. Alguns naturalistas negam que os *termittes obreiros* possuam orgãos de visão, affirmando, comtudo, que a luz os incommoda muito, porque são muito sensiveis a ella. Parece-me contradicção. Creio que os naturalistas ainda não disseram o seu *dernier mot* ácerca d'estes insectos.

Por vezes saem do ninho nuvens de termittes

alados, que passado pouco tempo e tendo-lhes cahido as azas são pasto dos lagartos, das aranhas, e das formigas caçadoras. Diz Anderson que nas margens do lago Ngami, voam bandos tão consideraveis que obscurecem a atmosphera similhando flocos de neve e invadem de noite as casas, chegando a apagarem as luzes.

A rainha ou femea não deixa nunca a cellula nupcial, grande cavidade atravessada de grandes buracos por onde passam os *obreiros* encarregados do alimento e de cuidar dos ovos que a femea põe aos milhares e cujo abdomen incha de modo a ficar muitos centos de vezes mais volumoso do que antes da postura.

Os ninhos apresentam a figura de uma pyramide conica cercada de outros cones de menores dimensões, e similhando um campanario gothico. Feitos unicamente de terra, offerecem a dureza da pedra e chegam a mais de vinte pés de altura e cem de circumferencia. São divididos em cellulas para os ovos e provisões, e no centro ha um recinto maior aonde está a femea. Não têem entrada apparente e estendem-se n'uma grande área debaixo da terra.

Algumas tribus africanas apreciam os termites como saboresissima golodice. Para os obter perfuram-lhes o ninho e quando os obreiros acodem a refazer a brecha, sacodem-n'os para uma gamella.

Estes insectos, um dos maiores flagellos do viajante na Africa e na America, alimentam-se especialmente de fibras linhosas, mas em geral devo-

ram tudo quanto podem alcançar. Minam em pouco tempo as maiores peças de madeira, deixando-lhes sómente uma tez exterior; qualquer movel, deixado por muito tempo no mesmo logar é destruido de tal sorte que, apenas se lhe toca, desfaz-se em pó.

Cuvier aponta varias especies de termites. O termite guerreiro, *termes fatale,* a que mais particularmente me referi; o termite atroz, *termes ardua;* o termite mordaz, *termes mordax,* cujos ninhos são do feitio de torres cylindricas com o tecto conico; e o termite das arvores, *termes destructor,* que habita na America e cujo ninho oval formado em volta de um ramo de arvore communica com diversas galerias cobertas ao longo do tronco. Esta especie encontra-se tambem na Africa. Além d'estes conhecem-se hoje alguns outros da Europa: taes são, por exemplo, o termite lucifago, que destroe os carvalhos das Landes e da Gironda; e o termite de pescoço amarello, verdadeiro flagello das oliveiras.

Adriano Coelho, que durante alguns annos viajou no interior da America Meridional, observou, nas suas excursões, extensas campinas alastradas de *murundús,* nome que ali se dá aos ninhos de termites. Não são estes tão elevados como os da Africa. As suas galerias subterraneas estendem-se porém, a maiores distancias, abrangendo muitas leguas.

Na Africa os caçadores sobem acima d'aquellas construcções para inspeccionar o terreno; na America sobre os *murundús* abandonados e cobertos de

capim, pastam os rebanhos. Mas no continente africano e no novo mundo, além do homem, os maiores inimigos dos termites são o formigueiro e as formigas caçadoras.

Os formigueiros em geral são inteiramente destituidos de dentes. Os da America, Tamanduás propriamente ditos, *Myrmecophaga,* têem o corpo coberto de pello, as unhas curtas, mas cortantes e a cauda pendente. Os formigueiros espinhosos —*Echidna*—com o corpo coberto de espinhos e as pernas e cauda excessivamente curtas habitam a Oceania. Os formigueiros escamosos—*Manis,* Linn.—têem os corpos cobertos de grandes escamas, duras e cortantes, situadas umas sobre as outras á maneira de telhado. Estes animaes são da Africa. Quando são atacados enroscam-se em forma de bola e apresentam o cortante das suas escamas por toda a parte. Citam-se duas especies —*Manis pentadactyla,* Linn., conhecido em Goa pelo nome de Terió, e o *manis tetraductyla,* Linn. Similhante aos tamanduás da America é o formigueiro do Cabo da Boa Esperança—*myrmecophaga capensis,* Gmelin, isto é, o *orycteropus* de Geoffroy Saint-Hilaire. Differe só d'aquelles em ter dentes molares e as unhas chatas. Além de formigas nutre-se tambem de raizes.

Os costumes dos Tamanduás não differem muito dos formigueiros da Africa.

A maior especie do formigueiro da America, chamada *tamanduá guaçú, myrmecophaga jubata,* Linn., tem uns quatro pés de comprimento, não incluindo a cauda; o pello aspero e cinzento escuro

é algum tanto avermelhado, com uma tarja obliqua preta e acarelada de branco sobre cada espadua. A cabeça, pequena em comparação do resto do corpo, prolonga-se n'um focinho prodigiosamente delgado, cylindrico, de doze pollegadas de comprimento, cuja bocca é desprovida de dentes. Tem as orelhas curtas, os olhos pequeninos e cheios de expressão melancholica tão peculiar aos animaes nocturnos; a cauda bem fornida de pello é immensa; os membros posteriores armados de cinco unhas e os anteriores de quatro. Estas ultimas são formidaveis, fortissimas, terriveis. O excessivo comprimento d'ellas incommoda-o no andar; caminha vagarosa e irregularmente e não póde trepar ás arvores.

Serve-se da cauda como os esquillos da Europa, para se garantir dos raios do sol que lhe causam sensações desagradaveis. Não cede em coragem a animal nenhum. O proprio jaguar, onça ou tigre real do Brasil, se o investe sem precauções, é victima do tamanduá, que o aperta nos braços, cravando-lhe as unhas e suffocando-o.

O extremo do amor maternal é pronunciadissimo na femea.

Nunca abandona o filho; quando sae do covil para ir á caça leva-o ás costas e com elle assim transpõe os rios. Além dos termites e das formigas propriamente ditas, o tamanduá vive de toda a sorte de insectos. É susceptivel de domesticar-se de pequeno e affeiçoar-se até a um certo ponto ao dono, mas de ordinario a tristeza augmen-

tando-lhe com a edade, morre pouco depois de adulto.

A maneira como o tamanduá apprehende as formigas é singularissima. Apoiado nos membros posteriores como um gato, e empregando as suas possantes unhas faz um furo no *murundú.* Introduz por ali a lingua, a qual estende fóra da bocca cerca de dezoito pollegadas e retira-a rapidamente engulindo os insectos que se lhe haviam apegado.

O *pangolim* ou terió de Goa — *Manis pentadactyla* — mede cerca de oito pés de comprido, comprehendida a cauda que tem quatro. A lingua é muito comprida e a guela estreita, o corpo muito alongado e as unhas dos pés quasi da feição das do Tamanduá. Estes caracteres são communs a essas especies de teriós. Com excepção do ventre e do interior das coxas das pernas, são revestidos de uma armadura de escamas. Irritados apresentam aos seus inimigos aquellas laminas cortantes, aceradas e moveis. Os tigres e as pantheras não conseguem devorar estes animaes. Embora os pizem, recebem golpes dolorosissimos. Não se recurvam em globo como o ouriço, mas em espiral ou novello ficando-lhes de fóra a cauda que é tambem armada e que ajuda a defender e a ligar o corpo.

O *manis tetradactylus* ou terió pequeno tem as escamas menos fortes e mais pequenas, mas reforçadas com tres pontas agudissimas. Differença-se tambem em ter metade do comprimento do *terió de Goa,* tendo, comtudo, a cauda mais comprida, e em ter pello nas partes inferiores.

Os indigenas comem a carne d'estes animaes a que chamam *cojelos*.

As formigas caçadoras, *atta cephalottes,* Fab., assim denominadas porque não ha animal nenhum que ellas não destruam ou expulsem do seu caminho, habitam na fenda dos rochedos ou n'um buraco feito por ellas no terreno. Agarradas umas ás outras formam festões de arvore a arvore para darem passagem ás consocias que carregam mantimentos.

Para atravessar um rio empregam o mesmo meio, isto é, formam uma corda cuja extremidade é levada pela corrente e pelo vento á margem opposta. Saem do formigueiro quando a atmosphera está carregada e nublosa. Surprehendidas pelos raios do sol costumam construir um caminho coberto e abobadado, feito de terra amassada com uma secreção da bocca.

Se as chuvas torrenciaes lhes alagam as moradas, ellas agglomeram-se em bolas e fluctuam até que as aguas deixem a descoberto a terra firme. Ha tres especies: duas têem o corpo preto e luzidio; o da outra, mais pequena, é vermelho-escuro. N'estas formigas a cabeça constitue um terço do corpo e é armada de mandibulas curvas, afiadas e vigorosas.

Atacam todos os animaes—matam até o pongo ou orangotango se conseguem fixar-se n'elle.

Não lhes escapam as grandes *iguanas* e toda a casta de reptis. Segundo o dr. Savage a formiga começa por atacar os olhos da serpente, a qual, cega por aquelles ferozes inimigos, se debate no

mesmo sitio em convulsões terriveis sem pensar em fugir.

Conta um missionario que descançando um dia na choupana de um indigena viu-o entrar apressado:

—Depressa, bom padre, vamo-nos embora! não ha tempo a perder!

—Pois que, retorquiu o sacerdote, approximam-se os indios inimigos?

—Não! Avisinha-se um grande bando de formigas!

E o indio tendo reunido á pressa algumas munições arrastou o missionario para fóra da cabana sem perder tempo em responder ás perguntas que lhe fazia.

Tinha rasão o selvagem. Myriadés de formigas em bandos compactos atravessavam o solo na espessura de muitos centimetros. Os indios haviam fugido precipitadamente. Quando voltaram acharam as suas habitações livres dos insectos destruidores, das scolopendras ou centopeias hediondas, da aranha caranguejeira ou escorpiões mygalas, etc. Verdade seja que as provisões que tinham deixado haviam tambem sido devoradas.

Têem vitalidade extraordinaria. Immersas durante doze horas em agua fria, voltam a si pouco depois de serem tiradas da agua. A cabeça de uma formiga de maior especie separada do corpo, mordeu a ponto de fazer sangue; deixada n'um copo de agua por espaço de dezoito horas, teve ainda força para tornar a morder. O dr. Savage degolou uma formiga: o corpo deu signaes de vida

durante quarenta e oito horas, e a cabeça mordeu por diversas vezes deixando só de agitar-se trinta e seis horas depois de cortada.

Tal é a força de vida nos animaes das classes inferiores.

## XII

O antigo commercio dos escravos em S. João Baptista de Ajudá — O azeite de palma — O golfo de Benim.

A importancia commercial de S. João Baptista de Ajudá decaiu muito depois da independencia do Brasil e maiormente com o tratado da abolição da escravatura, porque era essa a sua principal exportação, sendo insignificante a de azeite de palma, pannos de riscado, cebo vegetal, cuias, balaios, esteiras finas e algumas poucas especiarias, destinadas a serem condimento á comida preparada com oleo de palma. O commercio porém d'esta ultima mercadoria desenvolveu-se mais tarde. A accumulação de generos e sua deterioração por falta de consumo obrigou os commerciantes a procurarem o azeite de palma, e d'ahi provem a origem do progresso da sua fabricação n'aquella costa.

«Não era da Costa da Mina e Golfo de Benim,

—dizia em 1853, Jacintho Pereira Carneiro, na sua interessante *Informação dada ao conselho Ultramarino*—d'onde os hespanhoes proviam d'escravos as suas possessões das Antilhas, era sim de Gallinhas, dos Calabares e dos portos do Sul do Equador, como Loango, Cabinda e Zaire; mas em 1822 começaram tambem a esquipar seus navios para o Golfo de Benim, e em 1826 já tinham ali grande numero de navios, o carregamento dos quaes reduzia-se a dinheiro em ouro e prata, e a algumas mercadorias de nenhuma extracção n'aquella costa, faltando-lhes os principaes generos que eram a aguardente (cachaça) e o tabaco em rolos de duas arrobas, encapados em couro. Os navios brasileiros, amestrados no commercio d'aquella Costa, levavam boas carregações, pelo que os hespanhoes não podiam concorrer com elles na compra de escravos. Em taes circumstancias a avidez do ganho fez com que os feitores brasileiros comprassem os carregamentos aos hespanhoes por certo numero de escravos, e a um tempo dado servindo-se para este contracto dos generos de seus navios, mandando não obstante vir do Brasil quantidade de generos para supprir a falta dos seus. Mas a tardança das remessas e a abundancia das compras fizeram o mercado insufficiente, augmentaram o valor dos escravos, e tornaram impossivel o cumprimento dos contractos da parte dos feitores brasileiros; de sorte que, fornecenda Ajudá 4 a 5:000 escravos por anno, haviam 20 navios de 200 a 600 cada um, os quaes só em 2 annos é que poderiam ser aviados, o que effecti-

vamente aconteceu, e deu causa ao desenvolvimento de uma pirataria dos navios hespanhoes contra os brasileiros, de qualquer porto da Costa d'onde saissem, roubando-lhes os escravos e dan-lhes uma ordem para feitor seu devedor lhes pagar os escravos roubados. Esta pirataria estendeu-se até Cabinda, aonde era ainda permittido o trafico de escravos, do que se seguiram graves reclamações dos roubados contra os negociantes hespanhoes de Havana, em consequencia das quaes vieram a um accordo de estabelecerem feitorias de Sociedade, sendo as principaes Ajudá e Onim o que foi levado a effeito em grande escala.

«Em 1832 o agente da feitoria de Ajudá, João Baptista Bellarra, homem intelligente e emprehendedor, conhecendo que não estava longe a completa abolição do trafico de escravos; que do negocio do azeite se podia tirar grande proveito, e que lhe era forçoso dar sahida á grande porção de generos que tinha a perderem-se nos armazens, lançou os fundamentos d'este commercio, começando methodicamente a contratar a compra com os negros que negociavam no interior do paiz, e vendendo o mesmo azeite aos navios inglezes que ali faziam escala. Este commercio foi pouco a pouco progredindo, mesmo apesar da morte do feitor Bellara; e offerecendo consideraveis interesses, animou a casa *Victor & Louis Regis Frères* de Marselha a estabelecer ali uma feitoria, a qual ainda ali existe — desde 1840 — e tem um movimento annual de 1.000:000 de francos.

«O augmento do commercio do azeite não se li-

mitou ao porto de Ajudá, desenvolveu-se tambem com a mesma força em Porto Novo—30 milhas a E.—d'onde saem 10 a 15 navios por anno de 150 a 300 toneladas; e em Onim no Rio da Alagôa, d'onde saem tambem o mesmo numero de navios, pouco mais ou menos.

«O peso, ou pataca hespanhola, e o *ake* de ouro em pó, que é meia oitava de peso inglez, que tem o valor de um peso forte, são a moeda adoptada para as transacções com os navios que vão negociar n'aquella costa. Mas para com os negros do paiz ha uma divisão que começa em Cabo Lahou. D'este cabo, que é d'onde começa o commercio do ouro em pó d'além do Cabo das Palmas, são feitas as transacções por *akes* até Acra; mas deste ponto até ao Rio da Alagôa servem-se de uma moeda imaginaria, a que chamam *onça,* —Em Benim e Calabares ha moeda imaginaria chamada *barra,* e considera-se no valor de meio peso.

«Um rolo de tabaco, um barril de polvora de 25 arrateis, uma espingarda de munição, uma peça de tecidos de algodão de 28 jardas, etc., tem o valor, cada um d'estes generos, de uma *onça;* mas sendo objectos de muito valor, como v. g. a pipa de aguardente, que vale 20 *onças,* eleva-se o preço ás *onças* convencionadas. Para os generos de menor valor é dividida a *onça* em *cabeças* —advirta-se que não são cabeças de escravos, é sómente o nome que se dá á primeira divisão da *onça*—as *cabeças* são *grandes* e *pequenas,* e são representadas por *buzios* ou *cauris.*

Divide-se a onça em 4 *cabeças grandes* ou 8 *pequenas*; a *cabeça grande* em 20 *gallinhas*, a *pequena* em 10; a *gallinha* em 5 *toques*, o *toque* em 40 *buzios*, de sorte que a *onça*, conforme a divisão que fica indicada, tem 16:000 *buzios*, ou *cauris*. Usa-se d'esta moeda nas pequenas transacções, e nas despezas miudas. A *onça* divide-se tambem em 8 *pesos*; e então, dando ao *peso* o valor de 1:000 réis, o toque vale 20 réis da nossa moeda.

«Estando eu em Calcutá em 1817, em cujo paiz os *cauris* são a moeda circulante para as pequenas despezas da gente pobre, tive a curiosidade de comparar o seu valor em relação á *rupia* e ao *paiçá*. 200 *cauris* representavam um *paiçá* um *anaz*—ou 4 *paiçás*—continha 800 *cauris*; 8 *anazes*, ou uma *rupia*, 6:400 *cauris*; por conseguinte valendo a pataca hespanhola 2 *rupias*, —n'aquelle tempo valia mais 2 a 4 *paiçás*—contém esta moeda, digo, o *peso*, 12:800 *buzios*, isto é, seis oitavas da *onça*. Por esta comparação conheci em Africa o grande interesse que haveria nas carregações dos navios, se uma parte d'ellas fosse representada por *cauris*, mandando-os vir da India, como tive depois occasião de conhecer que assim o praticavam os negociantes inglezes; mas devem ser verdadeiros *cauris*, e não os da costa oriental de Africa, que, apesar de se assimilharem aos da India, não tem valor algum, pela sua pouca consistencia. Fiz a experiencia em 1829 levando do Rio de Janeiro algumas toneladas d'este

buzio; os negros não o queriam receber, reputando-o *buzio* falso.

«A medida pela qual os negros vendem o azeite denomina-se *curbá*—especie de tina ou celha,—que varia de capacidade segundo as localidades. O *curbá* de Ajudá é de 18 *galões*—medida de vinho,—e custa uma *onça* de generos; o *curbá* de Onim é de 7 1/2 *galões*, e custa uma *cabeça grande;* estes preços porém variam segundo a abundancia ou escacez do azeite, e dos generos de importação.»

A arvore que fornece o *azeite de palma* é uma elevada palmeira espinhosa—a *Elaeis guineenesis Jacq*—cujos fructos do tamanho de azeitona e coloridos de vermelho, amarello e pardo, contém uma grande quantidade de oleo, que basta a ligeira pressão dos dedos para o extrahir.

Ao reino de Benim, cujos lemites não são ainda bem conhecidos, pertence-lhe a costa comprehendida entre Lagos e Calabar.

O golfo de Benim fica comprehendido entre o Cabo de S. Paulo, a Oeste e Cabo Formoso, a Leste. Parte da Costa, entre Lagos e o Rio Volta pertence ao reino de Agomé ou de Dahomé de que já tratei e onde Portugal possue o forte de S. João Baptista de Ajudá.

Um grande numero de aldeiolas cobre a costa occidental, que assim como a oriental se apresenta como uma extensa plaga de areia branca ou pardacenta, tão baixa e miuda, que olhada a distancia, custa a divisar-se-lhe alguma eminencia. Em alguns pontos a elevação do solo é de 1 me-

tro e o cume dos mais altos bosques chega apenas a 18 metros. D'este modo o navegante perde de vista a terra na distancia de 12 milhas.

A costa oriental, pouco habitada tem por caracter especial a enorme massa de arvores que a cobre. A linha de arvores eleva-se por vezes de traz d'uma estreita tira de areia, mas baixa immediatamente a tomar raiz no sitio aonde a agua chega nas grandes marés. As margens do rio de Benim são pantanosas e insalubres o que não impede de serem habitadas.

A 21 milhas da barra que é excessivamente perigosa, communicá o Benim por um braço com o Escardos e mais longe com o Niger.

Na margem septentrional ha tres povoações das quaes a mais distante da costa é *Fisch town*. Á entrada do rio ao sul está *Salt town*. O golfo de Benim é visitado em janeiro por grande numero de *medusas* ou alforrecas; em maio, pelos peixes voadores; em junho pelos golphinhos, toninhas e em julho e agosto pelas baleias pretas e o remora que n'esta época abunda mais.

O tubarão apparece em todas as estações. A phosphorencia do mar é mais intensa e frequente no mez de junho comquanto se manifeste em todo o anno. A costa fornece bois, carneiros, cabras, porcos, gallinhas, patos, perús e ovos, inhames, batatas doces, cebolas, pimentos, côcos, ananazes, limões, laranjas. As bananas são raras.

Os ventos dominantes são do Sud Oeste e Oeste Os vendavaes são frequentes e accompanhados de horriveis phenomenos electricos. Começam geral-

mente ao Nord'este, sopram com violencia de Leste e especialmente do Sudeste e terminam pelo Sul. Outras vezes rodam de Noroeste a Sudoeste terminando pelo Leste.

A pressão atmospherica conserva-se durante o anno entre 760 a 762 millimetros. A temperatura das aguas d'este golpho na profundidade de 18 metros é sempre de 0,5 de gráo abaixo ou acima da temperatura da atmosphera. A 36 metros é um gráo abaixo da temperatura da super-
a 54 metros é de 5°; a 72 metros, de 8°; a 90
ficie; metros, de 10° e a 100, de 13°.

As chuvas são mais abundantes em agosto e setembro. A estação mais secca e sadia é a de outubro, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro.

N'estes mezes o thermometro fica estancionario entre 29° a 32° e não é sensivel a differença da temperatura de manhã e de noite. No mez de junho o thermometro desce a 25°; é esta a época mais fria do anno em que prevalecem as brisas do Sud-Oeste.

## XIII

Cassange.—Eleição do chefe-jaga.—Cerimonia cruel do sambamento.—Sacrificios humanos.—Prova do muave junto ao rio Dua.

Cassange, planicie extensa cercada de montanhas, fica entre o Bondo Songo e o rio Zaire. A feira de Cassange é abundantissima de marfim. A eleição do jaga ou chefe, era d'antes acompanhada do *sambamento,* ceremonia em que era derramado o sangue humano.

Por morte do jaga o Tendella convoca os eleitores que são os Macotas, Cazas, Catondo e Tendella, e decidida a eleição, o Catando edifica a casa que é uma cubata e o quintal ou arrimo aonde ha de receber o novo jaga, e o mesmo fazem os macotas ou conselheiros que constroem as suas habitações proximas d'aquellas. A esta senzala se chama *quilombo do Catando.* O eleito

agarrado no meio de grande grita de povo e ao som de atambores e marimbas é levado ás costas de seus filhos á casa que foi para elle edificada, e ali fica encerrado por espaço de dois mezes, não vendo pessoa alguma, a não ser o Tendella e seus parentes, nos primeiros dias.

Proximo ou na margem do rio Undua ou Dua vae o novo jaga passar 20 ou 30 dias, durante os quaes depõe todos os *Maquitas* do Estado e nomeia os macotas de segunda ordem, além de outros dignitarios. Escolhe a Bansacuco, que é a sua principal mulher, posto que tenha muitas outras.

A estas nomeações segue-se o sambamento para o jaga ficar no pleno gozo da sua auctoridade. Deve, porém, notar-se que não ha época marcada para essa sanguinaria ceremonia. Alguns jagas morreram sem esse estilo barbaro, e finalmente foi abolido quando o jaga D. Fernando se baptisou.

Quando, porém, o jaga se resolvia fazer o sambamento, mandava ao Songo a alguns Sobas buscar um preto que não tivesse parentesco nem com elle *jaga* nem com macota algum. Essa victima a que chamavam *nicango*, era tratado no Quilombo como se fôra o proprio jaga, cumprindo-se todas as suas ordens.

Designado o dia do sambamento assentava-se o jaga no banco de ferro de um palmo de alto, de costas circulares e furado ao centro. Então rodeado dos macotas, dos maquitas e de muito povo,

com um cutello em fórma de crescente abria as costas ao nicango, arrancava-lhe o coração que trincava e lançava fóra para que fosse queimado. Durante este acto conservava-se a Bansacuco ao lado do jaga e o Cassange Cagongue tangia duas enormes campas de ferro.

Os macotas pegavam no cadaver do *nicango* e voltavam-no sobre o jaga afim de receber o sangue, o qual saia pelo buraco da cadeira e sobre elle se precipitavam os maquitas untando as mãos, o peito e a barba, acclamando o jaga em grande vozeria.

Finda esta acclamação o *nicango* era levado para distancia, despedaçado em miudas porções e guisado com carne de gallinha, boi, cão e de outros animaes, sendo essa comida servida ao jaga, macotas, maquitas e povo. O que mostrava repugnancia a tão horrendo manjar era vendido como escravo, elle e sua familia. Depois do banquete seguiam-se as danças e as orgias.

Não era só no sambamento que os jagas tinham de derramar sangue. Quando sonhavam com algum dos seus antecessores, mandavam no dia immediato esquartejar dois escravos sobre a sepultura do finado.

É raro o jaga que tenha vivido além de dois annos depois do sambamento. Matam-no os macotas cubiçosos do muito que lhes rendem as eleições.

Se o jaga adoece gravemente, os macotas despedem todos de casa e só deixam seis escravos, que

ficam enterrados vivos com o corpo do jaga que de ordinario é morto por suffocação.

Estas praticas, porém, vão caindo em desuso graças á civilisação européa.

É junto d'esse rio Dua de que fallei, que se realisa em Cassange e terras commarcans a terrivel ceremonia do *muavi*, que descrevi a paginas 83. Contra o que ali disse, que é a opinião exposta por Levingstone e pelo dr. Lacerda no seu *Diario*, explica Sebastião Xavier Botelho, na sua *Memoria Estatistica*, a applicação do muavi pelo seguinte modo:

—«O parente mais proximo do fallecido arranca a planta por sua propria mão e vae leval-a ante-manhã ao mestre que deve applical-a, o qual já está esperando no campo para esse fim. D'esta planta, que elle mesmo pisa com pilão de páo, fórma tres bolos eguaes, cada um do tamanho de um limão. Os condemnados a beber o *muavi* estão em custodia desde o dia antecedente e com elles todos os outros que se presumem co-réos, não tanto para os terem seguros, senão por tolhèrem que comam cousa alguma. Na hora aprasada são levados ao logar da execução em companhia de todos os da aldeia e seus arrederes e como estejam a rosto com o mestre, ajoelham, cruzam as mãos, recebem na esquerda aquelles tres bolos, que mastigam e engolem, retirando-se depois para alguma distancia aonde estão seus parentes e os do fallecido ou do queixoso, conforme a natureza da culpa.

Todos os assistentes formam-se em duas alas, armado cada um d'elles de uma varinha de verbena, que rodeiam e cruzam nos ares triangularmente, e um d'elles brada em altas vozes:

—«Se este individuo é o feiticeiro que obrou o maleficio, o moavi o arrebente!

—«Seja assim—respondem todos em côro.

—«Se elle o não é, e falsamente o accusam o moavi o deixe viver!

—«Embora viva! Repetem todos a um tempo.

«Repetem alternadamente esta imprecaçãoa té os accusados, que passeiam pelo meio das alas até vomitarem ou cairem por terra atordoados: então os matam e os queimam, captivam-lhes a mulher e os filhos, e os bens a favor dos parentes do morto, salvo nos crimes de morte e de adulterio em que não ha confisco.

«O que não vomitou nem caiu, é havido por innocente e todos o acompanham a casa, aonde lhes acodem logo com uma bebida emetica para expulsar o veneno e fazem *purures* por tres dias, que quer dizer festas publicas de regosijo. Como seja pratica entre elles deixarem ás partes seu direito, usam d'elle contra os accusadores, requerendo a pena de talião, que é ali havida pela mais conforme á justiça. Compete a acção não só ao accusado, senão a toda a familia, sem exceptuar os escravos.»

O major Gamitto, no *Muata Casembe,* diz que ha duas qualidades de *muavi,* ambas tiradas da casca e tecido cellular da arvore chamada moava.

A infusão é fervida publicamente e o vaso contém cerca de meia arroba de casca e oito a doze canadas de liquido.

O accusado, que tem a cintura apenas coberta, deita as mãos para os quadriz e com os dedos minimos segura os dedos minimos de outro negro e ficando curvado para a frente, começa a fazer balanço com os braços e a fazer confissão de tudo quanto tem feito.

Na mesma attitude começa a beber o *moavi,* que o mestre ou medico, chamado Ganga lhe vae dando em uma gamella, do meio da qual o toma com os beiços bebendo cerca de tres canadas. Finda esta operação começa a correr até que a bebida seja expellida por cima ou por baixo. No primeiro caso é considerado innocente e deitam-lhe farinha de milho na cabeça e no segundo é guardado como criminoso para ser executado no dia seguinte.

Algumas vezes o réo appella para segundo moavi.

A outra sorte de moavi differe só em ser tomado entre dois caminhos e o accusado exclama, quando faz a confissão publica:

—Se eu sou culpado o meu caminho é aquelle e se o não sou é est'outro!

Então toma a bebida e começa a correr em torno da povoação e se durante a corrida arroja o moavi de qualquer modo, está justificado. Se, porém, cae atordoado é executado como criminoso.

D'estas narrações collige-se que o uso do moavi e sujeito ás mesmas regras em todos os povos sul-africanos, havendo comtudo variantes segundo as localidades.

## XIV

Pungo Andongo — Producções — Clima — Abundancia de agua — Pastos — Bosques — Gado — Lewingstone, Fortunato de Mello, Francisco de Salles Ferreira, Lopes de Lima.

Este presidio, situado cinco milhas ao norte da margem direita do Cuanza e a vinte leguas de Cambambe, dista umas setenta e cinco leguas de Loanda. Foi antiga côrte dos reis de Dongo, antes de 1671, época em que Luiz Lopes Sequeira, sob o governo de Francisco de Tavora a incorporou nos proprios da corôa portugueza.

Os arredores são penhascosos e a muito custo se chega ao forte portuguez, construido sobre um elevado rochedo.

Aquelle plaino, chapada ou plató, cercado de precipicios, o que torna o seu accesso bastante difficil, é um dos pontos mais agradaveis da

Africa portugueza. Do seu bello clima e producções fallam com enthusiasmo Lopes de Lima nos *Ensaios sobre a Estatistica de Angola*, Fortunato de Mello, cujo pae, que era medico e naturalista, escolhêra aquelle sitio de preferencia para passar a ultima quadra da sua velhice e o major Francisco de Salles Ferreira que, nos *Annaes Maritimos e Coloniaes*, escreveu varias memorias sobre Pungo Andongo, o Cassange, etc.

Lewingstone tambem se não poupa aos encomios.

«Este forte, diz o celebre viajante, está no meio de rochedos curiosissimos, em feitio de columnas que se elevam a mais de 300 pés. São formados de grande quantidade de fragmentos arredondados sobre a matriz de lioz avermelhado que se encontra na base.»

Entende Lewingstone que aquelles pilares foram formados pela corrente do mar vindo de S. S. E., porque observados de cima se apresentam dispostos n'aquella direcção, e devem ter feito resistencia ás aguas do oceano em épocas remotissimas. Os fragmentos são gneis, schisto argillaceu, mica e lioz schistoso, basalto e porphyro.

O presidio tem tres entradas, a de Ganzor, ao oeste, onde passa o riacho Canandua, subida bastante fadigosa que parte da estrada real; a de Cahui, ao sul; e a de leste pelo lado do riacho Cattete, sobre o qual ha uma ponte de madeira. Em volta do presidio ha uma povoação de

cerca de duzentas cubatas ou palhoças feitas de taipa e poucas de telha com mil e duzentos mulatos, pretos e brancos. É a parochia de *N. S. do Rosario*. Nos valles d'aquelle districto que se estende pela margem direita do Cuanza, cortado de muitos riachos que derivam por entre as pedras de Pungo-Andongo e nas ilhas de *Quinalonya* ha trinta e cinco *banzas* ou aldeias pertencentes a varios sobas.

A jurisdição do presidio confina ao sul com o Cuanza, ao norte com o districto de Ambaca, a leste com o rio Loanga e a oeste com a jurisdicção do presidio de Cambambe.

Fortunato de Mello diz que é excellente o clima e mais saudavel que o de muitas povoações da Beira Baixa. A agua é pura mas muito fria. Rara é a rua do presidio onde se não encontram riachos e fontes como são Canandua, Canzamba, Cafauzensa, Carela, Cassalle, Luxilo, etc.

O terreno produz em abundancia mandioca, milho, feijão, ginguba ou amendoim, bananas, ananazes, hortaliças de toda a especie, romãs, laranjas, limas, limões, tabaco, arroz, anil, trigo, algodão, canna doce, café, carrapato ou mammona, etc. «Eu comi, affirma o major Francisco de Salles Ferreira que governou aquelle presidio em 1841, eu comi em Pungo Andongo fructos da Europa como uvas, figos e todas as hortaliças que ha em Portugal.»

Tem muita caça e bom gado e o Cuanza abunda em bom peixe. Fazem-se ali uns queijos em tudo similhantes aos do Alemtejo e da Serra da Estrella.

A atmosphera não é povoada de insectos incomodos, os pastos são pingues e tem bellos arvoredos que produzem muita lenha.

Esta salubridade, porém, foi desconhecida por muito tempo. Era aquelle o logar para onde geralmente se mandavam os maiores facinoras, que tinham tal receio do presidio que pediam ao governador os alistasse no regimento da capital.

## XV

A ilha do Corvo.—Tradicção—Caldeira e Lagoa—N. Sr.ª dos Milagres—Producções—Costumes dos habitantes—A esmola de Deus—Emigração para os Estados Unidos—Abandono—Falta de recursos medicos.—Generoso procedimento do sr. Antonio Vicente Peixoto Pimentel.

Ainda não eram bem decorridos onze annos depois que Gonçalves Zarco e Tristão Vaz haviam descoberto a ilha da Madeira e do Porto Santo, quando Gonçalo Velho Cabral adquiriu para a corôa portugueza o importante archipelago dos Açores.

A ultima ilha descoberta d'esse grupo, açoutado das aguas do Atlantico, foi a do *Corvo* ou do *Marco*, a cujo respeito contam escriptores do seculo XVI uma estranha tradicção. Dizem que os primeiros navegantes que ali aportaram viram no

cimo de escarpado monte uma estatua equestre que figurava um homem apontando com o dedo indicador da mão direita para o longiquo horisonte que d'ali se descobria. Damião de Góes affirma que D. João III a mandára buscar, enviando engenheiros que por impericia ou contratempo a fizeram pedaços. A critica moderna patenteia-se o intento vil e abjecto de empanar a gloria de Christovão Colombo, n'essa absurda narrativa que Gaspar Fructuoso, Antonio Cordeiro, Faria e Sousa e outros repetiram sem criterio e que Santa Rita Durão no *Caramurú* e Chateaubriand nos *Natchez*, aproveitaram. Essa estatua, apontando para o occidente, indicaria segundo os chronistas, uma região encantada — *a America!*

A ilha do Corvo é notavel por uma grande caldeira cuja lagôa que se divisa no fundo está 1:277 pés acima do nivel do mar. A maxima elevação das bordas da caldeira é de 2:460 pés inglezes.

Tem uma unica povoação que fórma a parochia de *N. Sr.ª dos Milagres,* cuja imagem é de muita devoção para os baleeiros, profissão a que se entregam muito os habitantes, cujo numero não passa de 900. O vigario e o cura são os unicos que usam de sapatos. Ás casas são quasi todas altas. O rez-do-chão serve de morada e o andar superior de celleiro.

O serviço agricola é quasi todo feito por mulheres. Estas usam de saia larga de picotilho azul, barra alta de xadrez de côres vivas, casaco curto de chita. De inverno o casaco é de lã russa tecida na terra. Na cabeça põem um lenço branco

de linho grosso. Os homens vestem umas bragas curtas e muito largas e dedicam-se á pesca, para consumo e para vender na ilha das Flores.

A principal cultura, que é apenas no littoral e que occupa quando muito $^{1}/_{4}$ da superficie total, consiste em trigo, milho e cevada além de algumas fructas como melancias, melões, batatas, etc.

Os costumes d'aquelle povo fazem recordar a doçura e mansidão dos povos pastores. A parte da ilha não cultivada é logradoiro publico. A cada habitante está estipulado o numero de cabeças de gado que póde possuir n'essas pastagens communs. Quando esse numero augmenta, o excedente é vendido na ilha das Flores. É uma especie de lei agraria.

Não ha compra de peixe para consumo porque a divisão é mutua. O que foi á pesca reparte com os que ficaram em terra.

A usura, isto é o emprestimo a juros, não é permittida.

Quando á praia vae algum arrojo, se tem nome é guardado e entregue; se não tem, guardam-no para si. Chamam-lhe *esmola de Deus.*

São pacificos em extremo e tão honrados que não ha memoria de se darem questões em que interviesse a policia correccional. Os juizes de direito vão ali de dois em dois annos fazer os inventarios apenas *pró fórma,* pois os herdeiros dividem amigavelmente entre si.

As mulheres são bem educadas na familia e não se dão á prostituição. A desgraçada que se

deixou resvalar para o vicio, emigra para os Estados Unidos, envergonhada e repellida das suas conterraneas.

Como o maior receio dos homens é o recrutamento, grande parte emigram aos 12 annos para os America ingleza d'onde voltam depois de já cançados de trabalhos, corroidos de vicios e contaminados de molestias.

São muito religiosos sem cairem no fanatismo. Assistem devotamente ao officio divino na egreja parochial em cuja sachristia ha um cofre, onde estão as joias e o dinheiro e embora estar aberto não consta que d'ali desapparecesse coisa alguma.

Aquelles povos que têem a honra e a ventura de serem ha quatro seculos subditos de S. M. Fidelissima, não têem assim como os da ilha das Flores, nem medico, nem cirurgião, nem boticario, nem parteira habilitada, nem recurso algum da medicina. Quer isto dizer que 12:000 habitantes, que a tanto se eleva a população d'essas duas ilhas,—estam mais desprotegidos da metropole que os criminosos que vão cumprir sentença para a costa d'Africa.

Este abandono dos governos não é novo.

Em 1859 a grande fome que affligiu a ilha das Flores tambem se fez sentir na do Corvo. Ora note-se que a maior parte se não todos os recursos vieram dos Estados Unidos.

Cabe ao concluir este artigo dizer que a um homem energico, corajoso e profundamente devotado ao bem, deverá em breve a ilha das Flores um hospital e outros recursos medicos de que ca-

rece. Esse homem que lida incessante pelo progresso e melhoramento dos Açores é o meu presado amigo Antonio Vicente Peixoto Pimentel.

A propriedade dos Açores é empenho que o sr. Peixoto Pimentel vae realisando, graças ao seu lidar incessante em tão sympathica empreza.

FIM

## Indice dos capitulos contidos n'este volume

FIM DO INDICE